



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CARLOS ROBERTO CASAGRANDE

**CURRÍCULO E ESPORTE ESCOLAR: O SIGNIFICADO EDUCATIVO DOS
JOGOS ESCOLARES NO CONTEXTO DA ESCOLA**

**Cuiabá/MT
2011**

CARLOS ROBERTO CASAGRANDE

**CURRÍCULO E ESPORTE ESCOLAR: O SIGNIFICADO EDUCATIVO DOS
JOGOS ESCOLARES NO CONTEXTO DA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/IE/UFMT, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação na *Linha de Pesquisa* Organização Escolar, Formação e Práticas Pedagógicas – *Grupo de Pesquisa*: Formação de Professores e Currículo

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jorcelina Elisabeth Fernandes

Cuiabá/MT
2011

CARLOS ROBERTO CASAGRANDE

**CURRÍCULO E ESPORTE ESCOLAR: O SIGNIFICADO EDUCATIVO DOS
JOGOS ESCOLARES NO CONTEXTO DA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação/IE/UFMT, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Examinada por:

1º Membro - Professora Doutora Maria Zuleide da Costa Pereira – UFPB –
Examinadora Externa

2º Membro – Professor Doutor Ademar de Lima Carvalho – UFMT –
Examinador Interno

- Professora Doutora Jorcelina Elisabeth Fernandes – UFMT –
Orientadora

3º Membro - Professora Doutora Rute Cristina Domingos da Palma – UFMT -
Suplente

Data da Defesa: ____________.

Dedico do fundo do meu coração à minha esposa Zita, companheira de sempre, guerreira e exemplo de mulher e mãe, às minhas filhas Marcela e Gabriela, presentes de Deus, que dão sentido à minha vida, pela paciência, compreensão e incentivo em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis. Com vocês ao meu lado, sou feliz e tudo fica mais fácil. Obrigado por acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Jorcelina Elisabeth Fernandes, confiança e dedicação nos ensinamentos e orientações. Agradeço também pelas experiências, vivências e conhecimentos compartilhados que foram, são e serão fundamentais e indispensáveis à minha formação.

Aos membros da banca examinadora, Professora Maria Zuleide da Costa Pereira – UFPB e Professor Doutor Ademar de Lima Carvalho – UFMT pelas valiosas contribuições.

Ao Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e ao Programa de Pós-Graduação, onde fui muito bem recebido e tive as condições para realizar este estudo, a todos os funcionários e especialmente aos da Secretaria do Programa.

Aos Professores e Professoras que oportunizaram momentos de reflexão e colaboraram com mais esta etapa da minha formação acadêmica. Agradeço em especial a professora Doutora Filomena Maria de Arruda Monteiro pelo apoio recebido.

Aos amigos e amigas de estudo que compartilharam as aprendizagens, em especial ao Zé Luiz, a Edilamar e a Zileide, antes conhecidos, agora amigos, pelo apoio, convivência e colaboração nas discussões acadêmicas, entre outras, é claro! Também agradeço especialmente minha amiga Andresa, colega de mestrado e fonte de ajuda e informações.

Aos Colégios, em especial aos alunos, professores e equipes pedagógicas, sujeitos deste estudo, pela compreensão, participação e colaboração imprescindíveis.

Aos amigos da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer – SEEL/MT, pela compreensão e apoio para que eu pudesse levar adiante este estudo.

Em especial a minha família, mãe, irmãos, irmãs, avó, tios, tias, cunhados, cunhadas, sobrinhas e sobrinhos pelo apoio e incentivo recebidos. Ao meu sogro e sogra, Bayard e Elza, pelo apoio recebido e por me acolherem em sua casa sempre que precisei.

À Calú, companheira de estudo, sempre que possível sentada ao meu lado.

RESUMO

CURRÍCULO E ESPORTE ESCOLAR: O SIGNIFICADO EDUCATIVO DOS JOGOS ESCOLARES NO CONTEXTO DA ESCOLA

O objetivo desta dissertação foi investigar a compreensão de professores e equipe técnica da escola sobre quais aprendizagens os alunos e alunas desenvolvem durante o processo de organização, preparação e participação nos Jogos Escolares e como são incorporadas no processo formativo escolar. É uma pesquisa com abordagem qualitativa descritiva, cujos sujeitos são os alunos, professores, coordenadores e diretores de duas escolas de Sinop - MT que participaram dos Jogos Escolares Mato-Grossenses (edição 2009). Os dados foram coletados através de entrevistas e questionários. As referências teóricas que sustentaram as análises foram feitas a partir de Bracht (1986, 1992, 2003), Barroso e Darido (2006), Damiani e Escobar (2006), Kunz (1994), Nogueira e Catani (1998) e Taffarel e Stramann (2007). Os resultados obtidos com os sujeitos desta investigação evidenciaram a possibilidade da aprendizagem adquirida através do esporte escolar. Também, verificamos se há valorização dos Jogos Escolares, mas não na competição de resultados, e sim na participação e como ferramenta de produção acadêmica e, conseqüentemente, melhoria do aprendizado. Tivemos também uma visão do que pensam diretores, coordenadores e professores sobre a participação dos alunos nos Jogos Escolares. A maioria dos educadores/professores questionados demonstrou não gostar ou ser indiferente aos Jogos Escolares e não os vêem como algo que possa trazer aprendizado ao aluno, não por opção, mas por desconhecerem as possibilidades que se apresentam a tão rica experiência vivenciada por seus alunos além do ensino sistematizado.

Palavras-chave: Esportes Escolares – aprendizagem – saberes escolares

ABSTRACT

CURRICULUM AND SCHOOL SPORT: THE MEANING OF EDUCATION SCHOOL GAMES IN THE CONTEXT OF SCHOOL

The objective of this dissertation is to investigate the representation of the community school - students, teachers, parents, coordinators and directors – about how learning the students develop during the process of organization, preparation and participation in the School Games. Also wants to know how about they are incorporated in the training of school students. This research adopted a qualitative descriptive approach, in two schools community. These schools are located at Sinop City on Mato Grosso State. They participated in the Mato Grossense School Games (edition 2009). The research had as basis data collected through interviews and questionnaires. The benchmarks theorists, from this research, were based on Kunz (1994), Bracht (1986, 1992, 2003), Damiani and Escobar (2006), Barroso and Darido (2006), Nogueira and Catani (1998) and Taffarel and Stramann (2007). The set of results from this investigation, pointed to the possibility of learning when the students practice sport school. In this opportunity we tray to get another investigation: if there is some value in student participation on such games but not just as competition game based on numerical results, but as socialization experience and as a tool for academic research too. Therefore we had an opened vision about what they - coordinators, and teachers - think about improving students' learning as a whole. Most of educators don't like it questioned or shall be demonstrated indifferent to School Games. They can't see it as something that can bring learning to the student. This attitude, they say, is not arising by choice but we unknown the opportunities that present themselves to this rich experience as experienced by our students beyond teaching systematized.

Keywords: School Sports - learning - school knowledge

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sujeitos da Pesquisa.....	25
Tabela 2 – Nível de escolarização dos pais.....	73
Tabela 3 – Renda Familiar.....	74
Tabela 4 – Dados da Vida Escolar.....	75
Tabela 5 – Quem paga mensalidade dos alunos que estudam em escola particular.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CND - Conselho Nacional de Desporto

COB - Comitê Olímpico Brasileiro

CONFED - Conselho Federal de Educação Física

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FEF – Faculdade de Educação Física

INDESP - Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto

IUNMAT – Instituto Universitário Norte Mato-grossense

JEBs - Jogos Escolares Brasileiros

ME - Ministério dos Esportes

ONU – Organização Das Nações Unidas

PEE – Plano Esportivo Extracurricular

PPP – Projeto Político Pedagógico (escolar)

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação – MT

SEEL – Secretaria de Estado de Esporte e Lazer – MT

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

SND - Sistema Nacional Desportivo

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I.....	20
PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	20
1 – As escolas lócus do estudo.....	20
2 – Sujeitos desta pesquisa.....	22
CAPÍTULO II.....	31
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA TEMÁTICA DE ESTUDO.....	31
1 - Esportes – História e Política.....	31
2 – Uma rápida visão sobre as Principais Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar.....	35
2.1 – Abordagem Desenvolvimentista.....	36
2.2 – Abordagem Crítico-Superadora.....	37
2.3 – Abordagem Sistêmica.....	37
2.4 – Abordagem Crítico-Emancipatória.....	38
2.5 – Abordagem Humanista.....	39
3 - O Contexto de Definição da Política de Esporte.....	40
4 - A Política do Desporto Educacional: Concepção e Princípios Orientadores.....	46
4.1 - Origem da Política do Desporto Educacional.....	46
4.1.1 - Desporto Participativo.....	50
4.1.2 - Desporto de Rendimento.....	51
4.1.3 - Desporto Educacional.....	52
4.1.3.1 - Os Princípios Orientadores do Desporto Educacional.....	52
4.1.3.2 - O Esporte Escolar e sua Organização.....	54
CAPÍTULO III.....	56
ESCOLA, EDUCAÇÃO, ESPORTE E CURRÍCULO.....	56
1 – Educação.....	56
2 - Educação Escolar.....	58
3 – Escola, Esporte e Currículo.....	59
4 – A Escola como espaço da Educação Esportiva e para a Cidadania.....	61
4.1 - Dimensões Educativas do Esporte Escolar.....	62
4.2 - Os Princípios Educativos do Esporte Escolar.....	63

4.3 - A Integração do Conhecimento Curricular: Entrecruzando os Conteúdos Educativos.....	65
CAPÍTULO IV.....	68
A PRESENÇA DAS ESCOLAS NOS EVENTOS ESCOLARES.....	68
1 – Organizando e Analisando o Significado Educativo dos Jogos Escolares no Contexto da Escola.....	68
1.1 Organização dos dados.....	68
1.2 - A presença das escolas particulares nos eventos escolares	69
1.3 - Finalidades do Esporte Escolar nas Escolas.....	71
2 - Informações sobre os Alunos e a Família.....	72
2.1 - Situação Sócio-Cultural dos Alunos e Famílias.....	73
2.1.1 - Vida Escolar dos Alunos.....	78
2.1.2 - Participação nos Treinamentos e Jogos Escolares.....	82
3 - Informações sobre os Professores, Coordenadores e Diretores.....	86
3.1 - Situação Sócio-Cultural dos Professores, Coordenadores e Diretores.....	86
3.2 - Envolvimento dos Diretores, Coordenadores e Professores com os Alunos Atletas.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS.....	99
ANEXOS.....	104

CURRÍCULO E ESPORTE ESCOLAR: O SIGNIFICADO EDUCATIVO DOS JOGOS ESCOLARES NO CONTEXTO DA ESCOLA

INTRODUÇÃO

O Brasil vive um momento de transformação e afirmação em todos os setores da sociedade. Na educação apresenta avanços significativos no que diz respeito a fatores como infra-estrutura, formação de professores, material didático, inovações tecnológicas. O governo tem anunciado e comemorado bons resultados, obtidos através dos índices de avaliação como o ENEM, SINAES entre outros. No esporte o Brasil vive uma euforia total. Comemora um dos melhores resultados conseguido nos últimos Jogos Olímpicos, a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 e a realização dos Jogos Olímpicos de verão em 2016.

Procurando fomentar o esporte nas escolas, com todos os objetivos pedagógicos possíveis, e com o intuito de revelar novos talentos, o Governo Federal, através do Ministério dos Esportes e do Comitê Olímpico Brasileiro, lançou em 2005 as Olimpíadas Escolares Brasileiras. Assim, os olhares esportivos se voltaram para a escola. Com uma competição que tem início no município, passando por uma fase regional e estadual, as escolas têm a oportunidade de participarem das Olimpíadas Escolares Brasileiras.

Isso vem mexendo com a estrutura da escola. São alunos, professores e até diretores interessados em participar das Olimpíadas Escolares Brasileira. Por um lado isso vem acarretando alguns problemas para as escolas. Por outro lado abrem-se possibilidades de aprendizagens. Neste estudo quero apresentar alguns desses problemas e possibilidades, principalmente quando se fala do tempo que o aluno dedica ao treinamento de uma modalidade esportiva qualquer e às viagens que fará para participar das Olimpíadas Escolares Brasileiras em todas as suas etapas.

Creio que, para que se possa entender melhor a vontade de desenvolver uma pesquisa na área de Educação Física, mas precisamente com o esporte escolar, uma pequena história deve ser contada.

Terminando o ensino médio, e interessado pela vida religiosa, passei a residir no mosteiro de São Geraldo - São Paulo/SP, como monge Beneditino, para cursar o noviciado. Foi durante o noviciado que fiz a Faculdade de Filosofia. Neste período já estava preparando-me para cursar a Teologia.

Neste momento, mais maduro, deixei a vida religiosa institucional. Mudei para a cidade de Diamantino – MT e passei a dar aulas de Geografia e Língua Portuguesa na Escola Estadual Plácido de Castro. Foi uma experiência gratificante onde pude colocar em prática a função, a habilidade do magistério. Jovem, mas com as experiências e estudos que tive durante minha vida religiosa, não tive maiores dificuldades para desempenhar essa nova função.

Mas queria mais. Resolvi realizar um sonho: cursar a Faculdade de Educação Física. Fiz o vestibular na UFMT em 1982 e em março do ano seguinte já era calouro da FEF. Durante todo o tempo da Faculdade trabalhei como professor de Geografia e Português na Escola Santa Júlia mantida pela Fundação Julio Müller no Parque Cuiabá, em Cuiabá – MT, nos períodos vespertino e noturno. Apesar de não trabalhar com a Educação Física foi um período em que pude me firmar como professor e aprender estratégias de como lidar didaticamente com os alunos/as na sala de aula.

Em julho de 1986, após a formatura retornei a Diamantino. Assumi as aulas de Educação Física do período noturno na Escola Estadual Irmã Lucinda Facchini. Na época a crise¹ da Educação Física já era sentida no ensino noturno. Era tida como uma disciplina optativa e, portanto, poucos alunos a praticavam e a grande maioria, inclusive professores, a achava dispensável. Durante o dia assumi o treinamento das equipes de voleibol estudantil mantidas pela prefeitura local. Foi um grande desafio. Gostava da modalidade, mas como atleta. Neste período a modalidade estava desacreditada e não conseguia bons resultados. Resolvi, baseado nos conteúdos estudados, elaborar um projeto que em médio prazo pretendia colocar as equipes de voleibol de Diamantino nas primeiras colocações nas competições que participariam. Com um programa de treinamento bem elaborado os resultados apareceram gradativamente e mais depressa do que eu esperava.

Em seis anos foram cinco títulos regionais e um estadual. A partir dessas conquistas comecei a estudar o voleibol mais profundamente.

¹ “Foram muitos encontros, reuniões, simpósios e congressos de estudantes e profissionais da área que acabaram por configurar os anos 80 como a “década da crise da Educação Física”, em função dos calorosos (e polarizados) debates sobre: formação profissional (licenciatura x bacharelado), mercado de atuação (escola x clube/academia), qual classe social a educação física está servindo? (proletariado x burguesia), usos políticos/ideológicos da educação física e do esporte, e a não menos famosa discussão do objeto de estudo.” (GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco N. S.; IZA, D. F. V. – p.3, 2001)

Em 1992 mudei-me para Sinop – MT. Havia recebido uma proposta para trabalhar com o voleibol estudantil. Aproveitei e fiz a especialização em Educação Física Infantil pela UFMT através do Instituto Universitário Norte Mato-grossense – IUNMAT. Assumi as aulas de Educação Física na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes.

Portanto, de 1982 até 1996, trabalhei como professor da Secretaria Estadual de Educação. A partir de 1997 fui cedido à Prefeitura de Sinop. Lotado na Secretaria de Esportes do município de Sinop, passei a dedicar-me ao voleibol. Novamente com um bom planejamento consegui oito títulos regionais e dois estaduais. A convite da Federação Mato-grossense de Voleibol assumi por três vezes a seleção feminina infanto-juvenil de Mato Grosso em disputa do Campeonato Brasileiro de Seleções. Por duas vezes conseguimos o título de campeões brasileiros. Outras duas vezes fui como auxiliar técnico.

Foi depois que mudei para Sinop que comecei a questionar-me a respeito das constantes viagens que minhas atletas faziam. Em média ficavam 25 dias longe da escola durante o ano letivo. Até que ponto elas tinham o aprendizado escolar prejudicado? Levei este questionamento aos professores e coordenadores das escolas. Para minha surpresa verificamos que exatamente essas alunas tinham em geral excelentes notas. Mostravam-se mais dedicadas e atentas. Eram mais extrovertidas, comunicativas e raramente tinham problemas de disciplina.

Outro ponto identificado foi que dentre os alunos de baixa renda, foram exatamente os atletas, não importando a modalidade, que mais viajavam. Assim, percebi que o esporte e a participação em competições podem conviver e ajudar no aprendizado do aluno.

Em janeiro de 2007 assumi como professor substituto, as disciplinas de Atletismo, Teoria e Prática Curricular do Ensino Médio e Teoria e Prática de Jogos Individuais no curso de Educação Física da UFMT e as aulas práticas de natação para outros cursos. Também em 2007 comecei a trabalhar na Secretaria de Estado de Esportes e Lazer. Assumi um cargo técnico na Gerencia de Esportes. Passei integrar a equipe que organiza os eventos esportivos de SEEL, principalmente os Jogos Escolares, Estudantis e Abertos. Até 2006 estava, digamos, do outro lado, trabalhava com técnico das equipes que participavam dos jogos.

Esta nova função enriqueceu-me muito profissionalmente. Tive contato com um grande número de professores de Educação Física e técnicos das diversas

modalidades esportivas. A oportunidade de troca de idéias e experiências amplia a nossa visão profissional. Foram nesses encontros que percebi a preocupação, também de outros professores com os alunos que participavam dos jogos e se ausentavam muitos dias das aulas. Novamente concordamos que a grande maioria dos alunos atletas não tinha maiores dificuldades para acompanhar o conteúdo e atividades propostas pelas outras disciplinas. O que mais chamou a atenção nessas conversas foi que muitos professores das outras disciplinas não viam com bons olhos essas saídas para competir.

Como técnico da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer e organizador dos Jogos Escolares em Mato Grosso, tive contato em média com cinco mil alunos (mas são em torno de dez mil que participam dos jogos) e dezenas de professores durante o ano esportivo (calendário esportivo).

Como Professor de Educação Física e Técnico de Voleibol, vivenciei um processo educativo – processo curricular oculto, que não acontece normalmente na sala de aula. Não está no planejamento do professor. Porém tem um valor formativo enorme que, com certeza, estará presente na vida toda do aluno atleta. São atividades, presentes neste processo, que proporcionam, de forma não intencional, o desenvolvimento dos aspectos cognitivos e o desenvolvimento dos aspectos corporais, além da possibilidade de criar estratégias, de resolver situações problemas e abrir canais de comunicação. Para McLaren (1997 p 216) “O currículo oculto refere-se às conseqüências não intencionais do processo de escolarização.”

Quando o aluno, por algum motivo (curiosidade, influência de outras pessoas, TV...) inicia seu treinamento, ele dá também início a um processo educativo/formativo que o acompanhará durante toda sua vida. É neste momento que começa o conhecimento, muitas vezes não intencional, que acontece de uma forma oculta do conhecimento sistematizado da escola, mas que, nem por isso, deixa de ser formativo. É um tipo de conhecimento que, infelizmente, não é oportunizado a todos os alunos.

O treinamento de uma modalidade esportiva requer, além de habilidades específicas, algumas renúncias, dedicação, organização pessoal, disciplina, convivência e aceitação do outro. Há um processo de aprendizagem que acontece desde o primeiro dia de treinamento até a volta do aluno dos Jogos. O aluno assume um compromisso com o grupo. Sabe que todos precisam dele. Aprende a lidar com o corpo e suas limitações. Aprende que, para o sucesso do grupo terá que se

esforçar e comparecer aos treinos marcados, compreender e aceitar as limitações do colega, a conviver com pessoas de diferentes etnias e religiões. Aprende que no treino e principalmente durante os jogos, todos, pelo menos em algum momento, dependerão dele e ele dependerá do colega ou de todos juntos para alcançar a vitória. Aprende valores.

Além disso, ainda há o aprendizado com as viagens que fará para participar dos Jogos Escolares. Nestas viagens há um aprendizado natural. Conhecem-se novos lugares, novas pessoas e novas culturas.

Certamente, esse aluno quando adulto saberá conviver melhor com as pessoas, terá consciência de suas responsabilidades e conhecerá valores importantes para se tornar um cidadão responsável.

Por outro lado, há de se considerar a preocupação de que o processo ensino-aprendizagem – do conhecimento sistematizado da escola – não seja prejudicado com a participação do aluno em eventos esportivos ou de qualquer outra atividade esportiva de forma a permitir ao aluno participar de eventos esportivos, e que ele mantenha a compreensão dos conteúdos, objetivando a sua compreensão a fim de despertar-lhe o entendimento de suas possibilidades de intervenção nos rumos da sua vida escolar.

Em conversa com professores, coordenadores e diretores procurei desenvolver uma reflexão pedagógica sobre essas participações. Muitos se mostram preocupados e admitem que nenhum estudo ou verificação mais profunda a respeito do problema foi feito, mas apontam que alguns alunos têm certas dificuldades, ao retornar dos jogos, para dar seqüência aos estudos. Por outro lado, não foram poucos os comentários dos professores, coordenadores e diretores, informando que a participação em jogos desperta muito o interesse nos estudos e que no retorno das competições muitos alunos mostravam-se mais atentos e receptivos ao aprendizado. Desta forma o objeto de estudo dessa nossa pesquisa é o processo formativo escolar e os conhecimentos organizados no contexto social da participação dos alunos nos Jogos Escolares de Mato Grosso na faixa etária de 15 a 17 anos. Portanto, torna-se importante saber se esses alunos-atletas², em virtude da participação dos jogos escolares, produzem melhor, se esforçam mais, adquirem novos conhecimentos, se são motivados a se envolverem mais profundamente com

² Neste estudo, os alunos e alunas sujeitos, serão definidos como alunos-atletas para que se possa distinguí-los dos demais alunos.

a própria escola. Saber como fica os alunos em relação às outras disciplinas – excluindo-se a Educação Física, disciplina que naturalmente está envolvida – em seus conteúdos e fazeres.

Assim, com os resultados desta pesquisa pode-se contribuir para que os esportes escolares, através dos jogos escolares possibilitem a formação do aluno como atleta, podendo até seguir profissionalmente no esporte, sem perder de vista a educação formal.

Na introdução contei um pouco da minha trajetória como profissional da educação, expus o meu estudo, identifiquei metodologia e sujeitos e o que me levou a fazer esta pesquisa com esta temática.

O objeto de estudo dessa investigação dissertativa, sujeitos e escolas, e o percurso teórico metodológico da pesquisa foram identificados no Capítulo I.

No Capítulo II elaborei uma fundamentação da temática de estudo com comentários sobre o esporte, a história e política que o envolve. Foi feito um apanhado sobre o contexto de definição da política de esporte, da política do desporto educacional com suas concepções e princípios orientadores e descrito a origem da política do desporto educacional.

Uma atenção especial foi dada ao desporto analisando os princípios orientadores do desporto educacional bem como o esporte escolar e sua organização. A escola como espaço da educação esportiva e para a cidadania teve destaque com comentários e citações de autores importantes, que colocam suas visões e opiniões a respeito das dimensões educativas do esporte escolar e os princípios educativos do mesmo.

A integração do conhecimento curricular, entrecruzando os conteúdos educativos desenvolvidos na escola, serviram para uma análise sobre as possibilidades de aprendizagens neste espaço cultural que é a escola.

Também, no Capítulo III, considerei muito importante falar um pouco sobre a Educação, a Educação Escolar e a Educação, Esporte e Currículo. Entender a educação como um todo e as práticas pedagógicas vividas no cotidiano da escola, conhecer as possibilidades formativas do esporte escolar, são estudos fundamentais para se identificar o espaço onde se estrutura o currículo escolar.

No capítulo IV passamos para a organização e análise e organização dos dados. Para isso os dados foram divididos em eixos com dados pessoais, sócio-

culturais, sobre a vida escolar e sobre a participação nos treinamentos e jogos escolares dos alunos-atletas. Para os professores, sobre o envolvimento com os alunos quando estes participam dos Jogos Escolares. Para os coordenadores e diretores, sobre o envolvimento com os coordenadores, professores e alunos. Finalmente elaborei as minhas considerações finais.

CAPÍTULO I

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Na busca de respostas a problematização anteriormente colocada optamos em realizar esta pesquisa com abordagem qualitativa descritiva. O objetivo da pesquisa é compreender como alunos-atletas e equipe pedagógica resignificam os Jogos Escolares no contexto curricular da escola.

Os sujeitos da pesquisa são os alunos-atletas e equipe pedagógica de escolas que participaram dos Jogos Escolares Mato-grossenses na etapa municipal, na etapa regional e se classificaram para a etapa estadual pertencentes à região esportiva denominada, pela Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (SEEL/MT), órgão que juntamente com Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/MT), organizam e coordenam os Jogos Escolares em Mato Grosso, de *Centro Norte*, no ano de 2009. Portanto, temos como questão central do estudo: como alunos-atletas e equipe pedagógica³ resignificam os Jogos Escolares no contexto educativo escolar?

1 – As Escolas Lócus do Estudo

São escolas conceituadas⁴ na cidade, com prédios próprios e amplos, com excelentes salas de aulas, vários tipos de laboratórios, quadra poliesportiva coberta e com muito verde nos jardins. Uma localizada num bairro nobre, mantida por uma

³ Chamarei de Equipe Pedagógica os professores, coordenadores e diretores das escolas que fazem parte deste estudo.

⁴ São Colégios que apresentam bons resultados no Enem, acima da média estadual, com grande número de alunos aprovados em vestibulares, conforme informação dos próprios colégios. São reconhecidas como as melhores escolas da cidade e gozam de grande prestígio na sociedade sinopense

Cooperativa de Ensino. A outra, localizada num bairro mais popular e mantida por uma Congregação Religiosa de Freiras.

Estas escolas foram classificadas para disputar os Jogos Escolares Mato-grossenses – edição 2009, nas modalidades de Voleibol, Basquetebol e Handebol. São elas o Colégio Regina Pacis e Colégio Cristina Archer Dal Bosco, ambas de Sinop/MT⁵. Estas escolas foram escolhidas porque, na etapa estadual dos jogos Escolares Mato-grossenses, conseguiram ficar entre as duas primeiras classificações, tanto no masculino como no feminino, nas modalidades de handebol, voleibol e basquetebol.

Quando iniciei os estudos pensando neste projeto e decidi qual tema abordaria, eu não sabia quais seriam as escolas com as quais teria contato e desenvolveria a pesquisa. Somente depois do resultado dos Jogos Escolares Mato-grossenses, que aconteceu em novembro de 2009, é que fiquei sabendo o nome das escolas, que são particulares, e que por sinal, são denominadas por Colégios⁶.

Dentre todas as possibilidades para organizar os dados obtidos, optei por tabelas onde fosse possível dispor os textos resultantes dos questionários e das entrevistas.

Os dados dos questionários foram organizados em uma planilha que, ao lado de cada pergunta aparecem as respostas dadas pelos sujeitos. Esta disposição possibilitou uma visão geral e de fácil comparação e análise das respostas. Nos levantamentos de dados feitos por questionários temos informações sobre o que pensam alunos, professores coordenadores e diretores a respeito da participação dos alunos nos jogos escolares. Num dado momento, entrecruzando estes dados com os conseguidos através das entrevistas, poderemos obter informações que antes passaram despercebidas e que, então, possam complementar as análises.

Neste estudo as entrevistas foram feitas levando em consideração as respostas dadas nos questionários. Por consistir em um diálogo planejado com o fim de obter informações de quem executa as atividades, por meio de uma comunicação verbal e direta e com o objetivo de se coletar subsídios para uma posterior análise, podendo de certa forma esclarecer dúvidas identificadas no questionário, tem importância fundamental na pesquisa. Após a interpretação dos dados conseguidos

⁵ Que são identificadas nesta pesquisa como escola A e escola B – não necessariamente na ordem em que os nomes aparecem aqui.

⁶ Nesse estudo, para identificar os colégios em questão, usarei a terminologia escola.

com os questionários e uma análise dos mesmos, elaborei um roteiro com objetivo de buscar, através das entrevistas, informações mais profundas e completas sobre os temas abordados.

Em levantamento de dados para essa pesquisa feita junto a Secretaria de Estado de Esporte e Lazer de Mato Grosso (SEEL), na qual tive acesso ao relatório final dos Jogos Escolares Mato-grossenses, edição 2009, constatei que, principalmente nas regiões onde se encontram as maiores cidades, a maioria das escolas classificadas em 1º e 2º lugares, são particulares.

2 – Sujeitos desta Pesquisa

Alunos de 15 a 17 anos, do ensino médio, professores, coordenadores e diretores de duas escolas, já citadas, conforme identificados abaixo. Em cada escola relacionada os sujeitos foram selecionados da seguinte forma:

- Na escola B, através de sorteio (aqui o sorteio foi necessário, pois havia mais de 20 alunos que se encaixavam no perfil estabelecido na pesquisa), de 10 alunos, 5 masculinos e 5 femininos (neste caso, optou-se em sortear 5 de cada sexo por haver mais de 20 alunos) não importando a série que estudam, nem modalidade, das citadas, que jogam, mas respeitando a faixa etária prevista na pesquisa e que participaram dos jogos escolares nas fases municipal, regional e estadual;
- Na escola A, como os alunos que se encaixavam no perfil estabelecido na pesquisa eram em número de 11, não foi necessário o sorteio (um aluno informou que havia solicitado transferência), portanto, tivemos 10 alunos que se disponibilizaram a participar da pesquisa;
- Cinco professores voluntários de cada escola e que trabalhem com os alunos sujeitos da pesquisa;

- Um coordenador pedagógico de cada escola selecionada, responsável pelos alunos e professores selecionados, e
- A diretora de cada escola selecionada.

A coleta dos dados, tanto dos os alunos, professores, coordenadores e diretores, foi feita após o retorno destes alunos dos Jogos Escolares Estaduais – edição 2009. Foi feita através de questionários e de entrevistas semi-estruturadas.

No início de dezembro de 2009, após confirmação das escolas, mantive os primeiros contatos com as direções. Como se trata de escolas particulares, do município de Sinop/MT, não houve a necessidade de contato com algum órgão superior.

Após conversar com a direção e coordenação das escolas, expondo meu projeto e objetivos, marcamos para a segunda quinzena de maio de 2010 o primeiro contato com os sujeitos alunos, professores e coordenadores. No mês previsto, tive acesso aos sujeitos da escola B para falar sobre o meu projeto. Na escola A, coube à coordenação esse contato.

Para os professores da escola B expus meu projeto durante uma reunião de estudos em que se encontravam a maioria dos professores. Solicitei alguns voluntários. Os cinco primeiros que se manifestaram em querer colaborar com a pesquisa, então, foram relacionados. A diretora e o coordenador também, de uma forma receptiva, concordaram em participar da pesquisa.

Na escola B tive contato com os alunos, possíveis sujeitos da pesquisa, na biblioteca, especialmente convidados pela coordenação. Após a explicar do que se tratava e dos meus objetivos, foi feito o sorteio.

Na escola A, apesar de bem recebido pela direção e coordenação, não foi oportunizado uma reunião com os alunos e professores. A coordenação se prontificou a entregar os questionários aos alunos e professores e explicar do que se tratava. Todos os 10 alunos convidados pela coordenação aceitaram participar da pesquisa.

Da escola A os professores que responderam o questionário e depois participaram da entrevista, foram os cinco primeiros contatados e convidados pela coordenação.

Com as freqüentes visitas às escolas, pude observar as diferenças no trato com os alunos e professores e até visitas, bem como a organização pedagógica. A escola A em sua organização e estrutura é mais formal e, digamos, técnica. A escola B, mais informal e humanista em seu funcionamento e organização. Nesta escola percebia-se uma grande afetividade entre os alunos e professores, principalmente com a diretora. De qualquer forma, as duas são consideradas excelentes escolas e gozam de grande prestígio junto à sociedade sinopense.

Conforme informaram as diretoras, as duas escolas mantêm diversas atividades esportivas que são oferecidas aos alunos no contra-turno ou mesmo durante as aulas de educação física. A direção de uma das escolas disse possuir um Projeto Extracurricular Esportivo – PEE, porém este não foi apresentado. Uma das escolas oferece aos seus alunos iniciação e prática das modalidades de voleibol, handebol, basquete, futsal, futebol e xadrez. A outra escola oferece, da mesma forma, as modalidades de voleibol, handebol, basquete, futsal, futebol, ginástica rítmica, atletismo e balé.

Retornei às escolas com o questionário e entreguei aos sujeitos (na escola A coube à coordenação a entrega dos questionários). Combinamos a devolução dos questionários para o dia 16 de junho de 2010. Na data marcada nem todos entregaram. Tive que retornar às escolas várias vezes para receber os questionários. Alguns sujeitos pediram mais prazo, enquanto outros, não se manifestavam sobre a data da possível entrega.

Infelizmente, e já estava previsto, alguns dos sujeitos – alunos e professores – não devolveram o questionário, mesmo após eu ter feito vários contatos. Houve casos, por exemplo, de um professor que deixou a escola e de duas alunas que foram transferidas para São Paulo – SP. No caso das alunas, graças à alta qualidade técnica que demonstraram nos jogos escolares, tiveram a oportunidade de integrar equipes de clubes da capital paulista.

Não tendo mais tempo para esperar a devolução dos questionários, tive que prosseguir com a pesquisa usando da entrevista. Somente fiz a entrevista com os sujeitos que responderam e devolveram o questionário.

O universo da pesquisa ficou definido da seguinte forma: 13 (treze) alunos (6 da escola A e 7 da escola B) -, 8 (oito) professores (4 de cada escola), 2 (dois) coordenadores e 2 (dois) diretores. Totalizando 25 (vinte e cinco) sujeitos que responderam o questionário e foram entrevistados. Neste trabalho os alunos são

identificados pela letra 'A', juntamente com um número (ex. A1). Os professores pela letra 'P' juntamente com um número (ex. P1), os coordenadores pela letra 'C' juntamente com um número (ex. C1) e os diretores pela letra 'D' juntamente com um número (ex. D1). (Tabela 1)

Tabela 1 – Sujeitos da Pesquisa					
Sujeitos		Quantidade			Identificação na pesquisa
		Escola A	Escola B	Total	
1	Alunos	06	07	13	'A' – (A1...)
2	Professores	04	04	08	'P' – (P1...)
3	Coordenadores	01	01	02	'C' – (C1...)
4	Diretores	01	01	02	'D' – (D1...)
Total de sujeitos da pesquisa				25	

Fonte própria

A utilização do questionário foi muito importante, pois através dele pude ter uma visão panorâmica sobre o tema e os sujeitos da pesquisa. Fiz um questionário para um grupo reduzido de sujeitos (que não fazem parte dos sujeitos desta pesquisa), para poder corrigir eventuais erros de formulação. O questionário foi composto de questões abertas e fechadas, dividido em 4 grupos de coleta de dados. Para os sujeitos alunos teve os seguintes tópicos:

I - Dados Pessoais;

II - Dados Sócio-Culturais;

III - Dados da Vida Escolar e,

IV - Dados Sobre a sua Participação nos Treinamentos e nos Jogos Escolares.

Foi importante saber quem são estes alunos, idade, onde e que série estudam, com quem e onde moram. São informações fundamentais para que se mantenha dentro do grupo de indivíduos estipulados na amostragem. Com os dados sociais e culturais busquei saber sobre a escolaridade e condição econômica dos pais. Saber sobre os amigos desses alunos e suas atividades sociais e culturais. Apesar dos questionários serem organizados pelo pesquisador, com perguntas dirigidas, as respostas são pessoais e podem revelar importantes dados a respeito dos sujeitos. Podem ser consideradas parte dos escritos produzidos pelos sujeitos.

Quando busquei informações sobre os dados da vida escolar, quis saber, principalmente, que tipos de escolas estudaram e estudam, que atividades extraclasse desenvolvem, quais são as disciplinas que mais gostam, se já participaram de viagens de estudo ou outros tipos de viagens. Saber sobre quanto tempo se dedicam aos estudos, aos treinamentos, se há apoio dos pais para treinar, como organizam – dividem seu tempo entre estudo, treino e outros afazeres, quando viajam, o que fazem além de jogar, se nestas viagens procuram visitar museus, bibliotecas e ou pontos turísticos, que possíveis capacidades adquiriram participando dos treinamentos e jogos, etc., Enfim, estas informações nos dão uma visão ampla e necessária para que se possa, da melhor forma possível tentar responder os questionamentos da pesquisa.

Para os professores, coordenadores e diretores o questionário teve a seguinte estrutura, exceto o item três:

I – Dados Pessoais,

II – Dados Sócio-Culturais e Escolares.

III – Dados sobre seu envolvimento com os alunos quando estes participam dos Jogos Escolares; (Para os professores o dado 3 foi este)

Para os coordenadores, além dos dados I e II, o dado 3 foi elaborado da seguinte forma:

III – Dados sobre seu envolvimento com os professores e alunos. Para os diretores, o Dado 3 ficou assim:

III – Dados sobre seu envolvimento com os Coordenadores, Professores e Alunos.

O questionário foi dirigido aos professores, coordenadores e diretores buscando informações que pudessem servir de base para análise dos dados. Além dos dados pessoais dos professores, são importantes as informações sobre o nível de instrução, sobre suas relações com a escola e alunos, sobre suas vidas sociais, férias, atividades culturais e se gostam e praticam esportes ou praticaram. Estas últimas informações são extremamente importantes, porque podem influenciar na visão e no lidar que o professor, que praticou ou não esportes, tem com os alunos-atletas.

Também foi interessante para a pesquisa saber se este professor já participou ou organizou algum tipo de viagem ou excursão. Saber sobre de que forma demonstram aos alunos e escola as suas idéias/opiniões a respeito dos jogos

escolares. Informações de como resolvem pedagogicamente as ausências dos alunos às avaliações que realizam no período dos jogos e em que a participação do aluno nos Jogos Escolares contribui para o desenvolvimento da aprendizagem na disciplina que ministram. Quis saber se o professor, principalmente os que não são professores de Educação Física, aborda o esporte somente em sua dimensão de desempenho.

Para os coordenadores e diretores, além da maioria das mesmas informações solicitadas aos professores, procurei saber se acham ser possível transformar a participação dos alunos nos jogos escolares em prática pedagógica, se discutem com os professores sobre esta participação e de que forma atendem os alunos que participam dos jogos.

Foi muito importante ter as opiniões dos coordenadores e diretores. Percebi que a decisão política sobre a participação ou não da escola em eventos esportivos, mais precisamente os jogos escolares, passa por eles, principalmente pela diretora. Apesar de a diretora autorizar e até incentivar a presença de equipes de treinamento na escola, a decisão final da possível participação passa por diversos condicionantes. Calendário escolar e dificuldades com o transporte são os principais. Perda de conteúdos e avaliações durante o período que esses alunos vão ficar fora da escola foram citados como algo que os preocupa, mas não são empecilhos para que uma ou várias equipes viagem para os jogos.

Quando recebi os questionários, combinei com cada sujeito da pesquisa, dia e horário para a entrevista. Utilizando de um gravador simples e seguindo o roteiro pré-elaborado como guia as entrevistas se realizaram no local solicitado pelos sujeitos. Para os diretores e coordenadores todas as entrevistas aconteceram em suas respectivas salas de trabalho. Alguns professores foram entrevistados após o horário de aula e outros em “janelas” que dispunham nos seus horários. Os alunos, a maioria, concederam a entrevista após as aulas na própria escola. Outros preferiram o local de treinamento.

Para aprofundar as informações recebidas dos questionários, usei da entrevista semi-estruturada e, também, por querer saber informações específicas e que podem ser comparadas com outras entrevistas, ainda por ser uma forma de investigação mais flexível, que permitiu utilizar uma lista de questões como guia, permitindo, se necessário, no decorrer da entrevista, solicitar informações não previstas nos tópicos, e muitas vezes mudando a ordem prevista. Triviños (1987)

citado por Manzini (2003) nos dá uma noção mais clara sobre a entrevista semi-estruturada colocando que ela tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Ele ainda nos diz que os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.

As entrevistas semi-estruturadas, baseadas nas respostas dadas aos questionários, serviram para esclarecer e aprofundar algumas dessas respostas. Para Bogdan e Biklen (1994, p.134),

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a coleta de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas.

Neste caso serviu para que, de uma forma mais espontânea e direta, os sujeitos pudessem se manifestar sem ficar restrito às perguntas do questionário. Também para que pudessem, em sua própria linguagem, fornecer dados sobre situações do cotidiano pessoal.

Morgan (1988), citado por Bogdan e Biklen (1994, p.134) nos informa que uma

Entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas dirigidas por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra. Assim, para o investigador qualitativo, a entrevista tem características próprias.

O uso da entrevista foi feito, em acordo com Bogdan e Biklen (1994), que a consideram o melhor instrumento de abordagem para o estudo de pessoas que partilham uma característica particular. Aquilo que partilham entre si revelar-se-á mais claramente quando cada um puder falar de suas perspectivas, mais do que quando observado em suas atividades.

Usei um roteiro – tópicos sobre os assuntos sobre os quais queria saber do entrevistado – serviu para que eu pudesse estabelecer um diálogo com os sujeitos sem fugir do tema principal. Algumas respostas evasivas ou consideradas incompletas no questionário foram aprofundadas através da entrevista. Quase sempre iniciei as conversas com algum comentário a respeito dos jogos, com

perguntas relativamente abertas, mas centradas em temas tratados nos questionários ou em alguns casos com uma conversa de assuntos do cotidiano, não ligados diretamente à pesquisa.

Percebi que nas entrevistas iniciadas com uma conversa qualquer – futebol, clima, acontecimentos da cidade, entre outros, e principalmente se o sujeito era por mim conhecido, foi mais fácil passar ao questionamento, uma vez que o desconforto inicial presente em situações semelhantes não existiu.

Houve também, casos em que ‘quebrar o gelo’ inicial, foi mais demorado. Creio que pelo fato de não haver nenhum tipo de conhecimento entre o entrevistador e o entrevistado, gerou uma desconfiança inicial por parte deste. Muitas vezes foi necessário garantir explicitamente que tudo que fosse dito na entrevista seria confidencial. Fato que gerou, pelo menos no início, uma conversa menos produtiva. Em alguns casos os sujeitos chagavam a negar ou desconsiderar informações passadas através do questionário, mas que, através da descontração conseguida no decorrer da entrevista, foram novamente abordados e comentados. Tive, também, que mudar a forma de entrevistar, utilizando o famoso jogo de cintura, de acordo com a escolaridade e a função do sujeito dentro da escola.

Porém, para alguns alunos foi necessário, além de tópicos pré-determinados utilizados, retornar às respostas dadas no questionário para que pudessem se localizar no assunto em questão e daí, evoluir para uma resposta ou continuar conversando sobre o mesmo.

Com os alunos, fui mais direto ao assunto em questão. Por ter sido técnico de voleibol não tive muitas dificuldades de iniciar as entrevistas. Sabia por onde iniciar uma conversa, afinal eles são os sujeitos/atletas da pesquisa. Já com os professores e principalmente com os diretores, tive que iniciar a entrevista considerando as opiniões que possuíam a respeito da participação dos alunos nos jogos escolares. Opiniões verificadas nos questionários. Sabia que alguns eram indiferentes, chegando a serem contra em determinados momentos, e outros apoiavam em todos os sentidos essa participação.

O mais difícil, em relação às entrevistas, foi não tirar conclusões imediatas, ou seja, durante as entrevistas. Muitas vezes tinha que ouvir comentários que eram contrários ao que penso a respeito da participação dos alunos em jogos escolares. Foi um exercício contínuo de autocontrole. Sabia que deveria esperar até o final da entrevista e aí sim, em casa, fazer a análise das respostas e comentários dados. No

conjunto das respostas poder-se-ia ter outra percepção sobre o que o sujeito quis dizer com as respostas dadas naquele momento.

Conforme comentado anteriormente, as escolas particulares normalmente possuem um trabalho maior – em relação às públicas – e sistemático com práticas esportivas, definidas por elas, como extracurriculares. Isso ficou evidenciado com a presença de duas escolas particulares nas primeiras colocações nas modalidades de handebol, voleibol e basquetebol nos Jogos Escolares de Mato Grosso, edição 2009 (fase estadual) e, conseqüentemente, escolas dos sujeitos desta pesquisa.

A análise dos dados foi realizada por eixos temáticos a partir da sistematização das informações levantadas através dos instrumentos propostos. Esses eixos, para uma maior compreensão, foram separados da seguinte forma: num primeiro eixo inicio com um estudo junto a Secretaria de Estado de Esportes e Lazer de mato Grosso (SEEL) com o objetivo de levantar informações a respeito da participação dos alunos nos Jogos Escolares. Também desenvolvo comentários sobre as finalidades do Esporte Escolar nas Escolas.

No segundo eixo desenvolvo comentários a respeito das informações sobre os alunos e a família, sobre a situação Sócio-Cultural dos alunos e das suas famílias, da vida escolar dos alunos, e também sobre a participação nos treinamentos e Jogos Escolares.

Termino a análise dos dados, terceiro eixo, com informações sobre os professores, coordenadores e diretores buscando saber sobre a situação sócio-cultural dos mesmos. Analiso e, considero de suma importância, as informações obtidas com os diretores, coordenadores e professores sobre o envolvimento que mantêm com os alunos-atletas no cotidiano escolar e durante as atividades esportivas.

A relevância deste estudo está na contribuição que possa dar para maior compreensão do significado que estes jogos têm para o desenvolvimento de novas aprendizagens pelos alunos envolvidos nesta atividade esportiva. Também contribuir para uma nova compreensão por parte de muitos educadores de valorizar os alunos envolvidos, pela oportunidade de se desenvolverem não só como estudantes, mas como pessoas num contexto social que extrapola o espaço escolar.

Para discutir idéias, argumentar, expor nosso pensamento, defender pontos de vista e descobrir possíveis ações/soluções sobre nosso trabalho, organizei os conteúdos desta dissertação de uma forma cronológica e por temas relacionados

com a Educação Física, para que assim pudesse discorrer sobre os assuntos diretamente ligados ao Esporte Escolar.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA TEMÁTICA DE ESTUDO

1 – Esportes – História e Política

Quando falamos de atividade física, tudo começa quando o homem precisava correr, lutar, arremessar, saltar e fazer muitos outros tipos de movimento para caçar, para sua sobrevivência. E, conforme o tempo passou, essas habilidades foram aperfeiçoadas e passaram a ser motivo de celebrações, de guerra e paz. Viraram exercícios físicos para a saúde e esporte. Assim, a história do desenvolvimento das civilizações está sempre ligada na importância dada à Educação (atividade) Física, quase sempre relacionada aos fundamentos médicos-higiênicos, fisiológicos, morais, religiosos, esportivos, celebrativos e guerreiros.

Na Grécia temos, se não a primeira manifestação da Educação Física voltada para o esporte – principalmente como conhecemos hoje, certamente a mais importante – os Jogos Olímpicos. Os primeiros registros oficiais da existência dos Jogos Olímpicos datam de 776 a.C.

A Educação Física, como Educação Física Escolar, tem seu primeiro registro com Vitório de Feltré (1378-1466) que em 1423 fundou a escola "La Casa Giocosa" onde o conteúdo programático incluía os exercícios físicos.

O movimento contra o abuso do poder no campo social chamado de iluminismo surgido na Inglaterra no século XVII deu origem a novas idéias em relação a atividade física. Como destaque dessa época temos: Jean-Jaques Rousseau (1712-1778) e Johann Pestalozzi (1746-1827). Rousseau propôs a Educação Física como necessária à educação infantil. Para ele, é durante o movimento corporal que se extrai a energia necessária para pensar. Pestalozzi foi

precursor da escola primária popular, defende que a execução correta dos exercícios merecia atenção especial.

Na Idade Contemporânea a Educação Física começa a se transformar. Surgem as grandes escolas de ginástica. Dentre elas se destacam: a alemã, influenciada por Rousseau e Pestalozzi, teve como destaque Johann Christoph Friederick Guts Muths (1759-1839) considerado pai da ginástica pedagógica moderna; a escola nórdica que escreve a sua história através de Nachteggall (1777-1847) que fundou seu próprio instituto de ginástica (1799) e o Instituto Civil de Ginástica para formação de professores de Educação Física (1808); e a escola Francesa que teve como elemento principal o espanhol naturalizado Francisco Amoros Y Ondeano (1770-1848). Inspirado em Rabelais, Guts, Jahn e Pestalozzi, dividiu sua ginástica em: Civil e Industrial, Militar, Médica e Cênica. Outro nome francês importante foi G. Dêmey (1850-1917), que organizou congresso, cursos (inclusive o Superior de Educação Física), redigiu o Manual do Exército e também era adepto à ginástica lenta, gradual, progressiva, pedagógica, interessante e motivadora.

Em 1863, o pedagogo e esportista francês Barão Pierre de Coubertin, disposto a reformar o sistema educacional da França, viu no esporte, sobretudo nos ideais olímpicos gregos – a participação em massa, a educação por intermédio do esporte, a promoção do espírito coletivo, do intercambio cultural e da compreensão internacional; e a busca pela excelência – uma fonte de inspiração para o aperfeiçoamento de ser humano. É considerado o pai das Olimpíadas Modernas. Olimpíadas essas, que o Brasil teve a primeira participação em 1920, na edição realizada em Antuérpia, na Bélgica.

Durante o Brasil Império, em 1851 a Lei de n.º 630 inclui a ginástica nos currículos escolares. Rui Barbosa já preconizava a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas primárias e secundárias praticada 4 vezes por semana durante 30 minutos.

Até 1930 predominou no Brasil a prática da educação física na tendência higienista, a qual teve como principal função garantir a aquisição e a manutenção da saúde.

Para tal concepção, cabe à educação física um papel fundamental na formação de homens, mulheres sadios, fortes e dispostos à ação. [...] Buscar, por extensão, buscar uma sociedade livre de doenças e dos vícios

deterioradores da saúde e do caráter dos homens do povo (GHIRARDELLI, 1988, p. 23).

A partir dos anos 30 a educação física higienista é absorvida pela concepção militarista. Embora ainda se procure desenvolver a saúde e desenvolver hábitos higiênicos, centra-se mais na formação do caráter, no obedecer à hierarquia, utilizando-se, para tanto, as atividades de exercitação corporal.

[...] A preparação militar inclui historicamente a exercitação corporal com o objetivo de desenvolvimento da aptidão física e o que se convencionou de chamar de “formação de caráter, auto-disciplina, hábitos higiênicos, capacidade de suportar a dor, coragem, respeito à hierarquia” (BRACHT, 1992, p. 10).

No período do pós-guerra (1945) predomina no Brasil uma tendência pedagógica, - a prática da educação física passando a ser uma atividade educativa no âmbito da escola, legitimada como disciplina curricular através de decreto. O modelo pedagógico começa a disputar o espaço escolar impondo-se ao modelo militarista até então vigente. Mesmo assim os objetivos da Educação Física ainda eram determinados por instituições alheias à escola. Os interesses do aluno ainda não é levado em conta (SAWITZKI, 2007).

A partir dos anos 60, começam aparecer as políticas públicas voltadas para a Educação Física. Os anos 70, marcado pela ditadura militar, a Educação Física era usada, não para fins educativos, mas de propaganda do governo sendo todos os ramos e níveis de ensino voltado para os esportes de alto rendimento. Assim, com a descaracterização da educação física pedagógica, surge outra tendência, a da educação física tecnicista competitiva, que vai perdurar durante o regime da ditadura militar.

Nos anos 80, a Educação Física vive esta tendência tecnicista/competitiva. Sua fundamentação está na prática esportiva, mas não com identidade própria. Toda atividade esportiva da época estava relacionado ao que acontecia nos clubes. Eventos esportivos, competições, alterações de regulamentos formas de disputa, tudo influenciava a Educação Física de uma forma que parecia ser somente essa a proposta da educação física. Não havia vontade própria. Valia, portanto, a Educação Física vinculada às regras e códigos do esporte praticado com interesses de rendimento atlético, a competições e a busca de recordes (SAWITZKI, 2007).

O enfraquecimento das políticas públicas que objetivavam promover o bem-estar do cidadão em áreas como a da saúde, da educação, do emprego, da previdência social, do transporte etc., e com o surgimento do “modelo de Estado Neoliberal, onde o marco central é tornar privado e submeter ao interesse do mercado qualquer atividade da vida social” (OLÉIAS, 1999 – p 69, citado por BRACHT E ALMEIDA, 2003), o sistema educacional brasileiro foi um dos setores mais influenciados pelas modificações emanados dessa política (BRACHT E ALMEIDA, 2003). Desta forma, a Educação Física e o esporte, considerados parte de deste sistema, também sobrem essa influencias. O esporte passa a ser mais importante que a Educação Física. Afinal, para o mercado o esporte pode ser comercializado. A Educação Física (também a sociologia, filosofia e a educação artística), quase fica de fora dos novos projetos educacionais uma vez que como tal, não despertava interesse do mercado.

Bracht e Almeida (2003), comentando sobre o sistema educacional brasileiro, apontam que

[...] sob essa realidade, existe a possibilidade de que não apenas os pedagogos críticos não incluam a educação física em seus projetos educacionais, mas que os pensadores e formuladores do projeto de educação liberal-burguês acabem por se desinteressar pela educação física como componente curricular.

Neste período, anos 60 e 70, há uma confusão: a Educação Física, como prática escolar é confundida e tratada como esporte. Da mesma forma, a prática esportiva é confundida como Educação Física. Isso graças a uma visão tecnicista da pedagogia. Para Betti (1991), citado por Paes (2001), comentando sobre essa situação,

[...] o período assinalou a ascensão do esporte à razão do Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica do governo. Ocorrem também profundas mudanças na política educacional e na e na Educação Física escolar, que subordinou-se ao sistema esportivo, e à expansão e sedimentação do sistema formador de recursos humanos para a educação Física e o Esporte.

A partir dos anos 70 e 80, com o enfraquecimento dos pressupostos da tendência tecnicista/competitiva e com o surgimento de uma tendência progressista/construtivista a produção do conhecimento teórico/científico cresce

muito na área. Conquistas de medalhas e preocupação única com a saúde pública deixam de serem prioridades, a Educação Física e o esporte escolar passam a serem visto como um espaço de ludicidade e cooperação assumindo um papel educativo (SAWITZKI, 2007).

Dentro da visão construtivista, o aluno passa a ser o sujeito das próprias ações, ou seja, ele é estimulado a participar das atividades físicas e esportivas dentro de suas próprias limitações, respeitando os colegas e sendo respeitado por eles.

2 – Uma rápida visão sobre as Principais Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar

Antes dos anos 80, a Educação Física já estava oficialmente introduzida na escola brasileira, porém, “sofria preconceitos e baixo *status* desde o seu início. Estava presente na lei, mas esta mesma lei demorou bastante para ser cumprida” (DARIDO e RANGEL p.2, 2005). Nesta época, as principais concepções da Educação Física eram a Higienista, Militarista, Esportivista e Recreacionista.

Desde meados da década de 1980 a Educação Física vem sofrendo muitas mudanças, principalmente nas pesquisas acadêmicas e na prática pedagógica dos professores (DARIDO, 2003). Era importante a partir desta época a legitimação do conhecimento pedagógico da Educação Física. Questionamentos sobre os verdadeiros objetivos da Educação Física Escolar na educação bem como o seu real papel se faziam presentes em diversos movimentos. Não se via mais a Educação Física no currículo escolar apenas com ênfase nas perspectivas higienista, militar e desportiva.

Há então a necessidade, da busca da legitimação, com bases teóricas, do conhecimento pedagógico. Grespan (2002), citado por Cimitan (2008 p. 54), nos diz que tem se “repensado a educação física em todos os seus aspectos, objetivos, conteúdos, metodologias, procurando sempre focar o aluno como um ser humano integral”.

Nas últimas décadas, novas abordagens e concepções pedagógicas vêm tentar romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. Optamos, neste item do trabalho, adotar a classificação das abordagens a partir de duas

características: Preditivas e Não-preditivas. As abordagens Preditivas, são as que concebem uma nova concepção de Educação Física e definem princípios norteadores de uma nova proposta. Abordaremos duas delas, que em nossa opinião, mais se aproximam dos propósitos desta pesquisa, que são a abordagem Desenvolvimentista e a Crítico-Superadora. Das abordagens Não-preditivas, que são aquelas que abordam a Educação Física sem estabelecer parâmetros, princípios norteadores e metodologias para o seu ensino (DARIDO, 2003), vamos falar das abordagens Sistêmica, Crítico-Emancipatória e Humanista.

2.1 – Abordagem Desenvolvimentista

Esta abordagem, aparece no Brasil nos trabalhos de Tani (1987), Tani et al (1988) e Manoel (1994), (DARIDO 2001). A Educação Física Desenvolvimentista encoraja as características únicas do indivíduo e é baseada na proposição fundamental de que embora o desenvolvimento motor seja relacionado com a idade, ele não é dependente da idade, corresponde ao nível de aprendizado da habilidade motora. Assim, o movimento é o principal meio e fim da Educação Física. As decisões do professor do que, de quando e como ensinar, são baseadas na adequação das atividades para o aluno, e não para um grupo etário. Os conteúdos deverão ser, dentro desta abordagem, desenvolvidos levando em consideração a ordem das habilidades mais básicas para as mais complexas, que são as habilidades específicas. A aquisição de habilidades motoras está no núcleo do programa de Educação Física Desenvolvimentista. Darido (2003, p. 5), complementa dizendo que

Para a abordagem Desenvolvimentista a Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação entre aumento da diversificação e complexidade dos movimentos. Assim, o principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimentos adequadas ao seu nível de crescimento e desenvolvimento, afim de que a aprendizagem das habilidades motoras sejam alcançadas.

Portanto, a Educação Física adquire um papel importantíssimo à medida que não procura solução para os problemas sociais, mas procura oferecer um ambiente

adequado para a criança desenvolver suas possibilidades motoras, onde estará presente o desenvolvimento biológico, cognitivo, afetivo e social.

2.2 – Abordagem Crítico-Superadora

Nesta abordagem, a cultura corporal do movimento, ou seja, o jogo, o esporte, a ginástica, a luta e a dança entre outros, compõe a Educação Física Escolar. Na concepção do Coletivo de Autores (1992), não se trata somente de aprender o jogo pelo jogo, o esporte pelo esporte, ou a dança pela dança, mas esses conteúdos devem receber outro tratamento metodológico, a fim de que possam ser historicizados criticamente e aprendidos na sua totalidade enquanto conhecimentos construídos culturalmente, e ainda serem instrumentalizados para uma interpretação crítica da realidade que envolve o aluno.

A relevância social, a contemporaneidade do conteúdo, as possibilidades sócio-cognitivas do aluno, a adequação dos conteúdos a sua realidade, entre outros, são alguns princípios curriculares para auxiliar na seleção dos conteúdos de ensino.

Quanto à relação de conteúdos para as aulas de Educação Física, os adeptos da abordagem propõem que se considere a relevância social dos conteúdos, sua contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos. Enquanto organização do currículo, ressaltam que é preciso fazer com que o aluno confronte os conhecimentos do senso comum com o conhecimento científico, para ampliar o seu acervo de conhecimento. (Darido 2003, p. 9)

Sua maneira de atuação prevê aulas claras e objetivas, com atividades previamente pensadas – sem esquecer os conteúdos pré-determinados. A avaliação em relação às crianças fica em parte relacionada às suas atitudes comportamentais.

2.3 – Abordagem Sistêmica

Com grandes influências dos estudos nas áreas da sociologia, da filosofia e, em menor força, da psicologia, tendo à frente o autor Mauro Betti, a abordagem sistêmica aborda conceitos de hierarquia, tendências auto-afirmativas e auto-integrativas. Betti aponta para uma Educação Física dentro de um sistema

hierárquico aberto onde, por exemplo, Secretarias de Educação exercem influências sobre sistemas inferiores. É aberto porque sofre influências da sociedade e ao mesmo tempo a influencia.

Para a abordagem Sistêmica existe a preocupação de garantir a especificidade, a medida que considera o binômio corpo/movimento como meio e fim da Educação Física escolar. [...] a função da Educação Física não está restrita ao ensino de habilidades motoras, embora sua aprendizagem também deva ser entendida como um dos objetivos e não o único a ser perseguido pela Educação Física Escolar. (DARIDO 2003, p. 10)

Na abordagem Sistêmica quando se faz uma atividade física é preciso informar ao nosso aluno o porquê da atividade. Quais os benefícios que ela trará, e para que estes benefícios sejam atingidos, qual a intensidade e frequência que deverá ser feita. Num determinado jogo, por exemplo, não basta saber as regras, mas é preciso saber quais os benefícios, quais as possibilidades de socialização e fazer com que esta atividade seja uma constante em busca da qualidade de vida.

2.4 – Abordagem Crítico-Emancipatória

A abordagem Crítico-Emancipatória foi posta em discussão no Brasil por Kunz no ano de 1991, por ocasião da publicação do seu livro “Ensino e Mudanças”. A metodologia de ensino para a Educação Física nesta abordagem, tem por objetivo a formação de sujeitos críticos e autônomos para transformação (ou não) da realidade em que estão inseridos, por meio de uma educação de caráter crítico, reflexivo e fundamentada no desenvolvimento de três competências:

1) A competência objetiva, que visa desenvolver a autonomia do aluno através da técnica; 2) A competência social, referente aos conhecimentos e esclarecimentos que os alunos devem adquirir para entender o próprio contexto sócio-cultural; 3) A competência comunicativa, que assume um processo reflexivo responsável por desencadear o pensamento crítico, e ocorre através da linguagem, que pode ser de caráter verbal, escrita e/ou corporal. (KUNZ, 1998).

Para o professor cabe a missão de confrontar o aluno com a realidade de ensino – transcendência de limites para o autor, ou seja: primeiro as possibilidades do aluno em descobrir estratégias diferentes para realizar as ações, onde pode utilizar das vivências sócio-emocionais para a interpretação da atividade sugerida.

Segundo, o aluno deve manifestar de uma forma cênica o que aprendeu e finalmente deve identificar as dificuldades em realizar as ações com a finalidade de entender o significado e outras possibilidades de realizá-las.

2.5 – Abordagem Humanista

Nesta abordagem, consideram-se as tendências ou os enfoques encontrados predominantemente no sujeito, concebe-se o homem a partir de sua realidade, como ele é e seu crescimento de dentro para fora.

Situada nos objetivos do plano geral da educação integral onde o conteúdo passa a ser um instrumento coadjuvante nas relações interpessoais e facilitador do desenvolvimento da natureza da criança. Apropria-se do jogo, do esporte, da dança, da ginástica como meios para cumprir os objetivos educacionais, não os considera como um fim em si mesmo (OLIVEIRA, 1985, p.58).

[...] O professor de Educação Física humanista integra-se efetivamente ao ambiente escolar em que atua de modo a se constituir em um agente de educação, [...] é um orientador da aprendizagem, cabendo-lhe prioritariamente, promover o crescimento pessoal dos alunos. [...] Busca contribuir na ampliação da consciência social e crítica dos alunos tendo em vista sua participação ativa na prática social. [...] O professor humanista conhece a fronteira entre o adestramento e à educação.

Na abordagem humanista, apostar no próprio potencial, perceber a autonomia, o respeito, a própria competência e as dos colegas, são possibilidades que só podem acontecer num ambiente de segurança e liberdade.

Assim, são princípios humanistas formar alunos com mentes com potencial criativo, que possam, além das atividades propostas, criar novas formas e maneiras de se relacionar com o meio que os cerca; também, formar alunos com capacidades de aprendizagem significativa onde as atividades desenvolvam além das capacidades físicas, o relacionamento social, afetivo e intelectual; respeito às individualidades, às características de cada aluno, sem propor atividades visando apenas o grupo, mas visando as possibilidades de cada um, também está presente no modelo humanista; Oliveira (1985, p. 54) aborda a importância do jogo na concepção Humanista, afirmando que

Seguramente, o jogo traduz a mais autêntica manifestação sócio-pedagógica da educação. Apesar de não ficar restrito ao âmbito da Educação Física, é nela que o jogo tem a oportunidade de manifestar toda a sua plenitude. Por intermédio do jogo as pessoas aprendem a se relacionar através de normas que emanam do próprio convívio, identificando espontaneamente a necessidade de elaboração de um código de direitos e deveres.

Há, portanto, nesta afirmação a grande oportunidade que o jogo tem de proporcionar o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo-social; também aborda dentro da Educação Física Escolar a realização de exercícios naturais, ou seja, atividades que envolvam a movimentação de todo o corpo de uma forma natural, onde as atividades são desenvolvidas de forma a não depender de modelos pré-concebidos o fazendo cópias sem saber o porquê; e, finalmente, a liberdade é abordada como uma negação à técnicas diretivas. Na abordagem Humanista comandos que unifiquem os movimentos, com formas mecânicas de fazer, numa clara tendência militarista, não podem se fazer presentes. “A educação física escolar deve – numa perspectiva humanista – criar um ambiente liberal, de forma a permitir a livre expressão dos alunos.” (OLIVEIRA 1985, p. 57)

Todas as abordagens, de uma forma ou de outra, visam estabelecer uma prática pedagógica, que vise o desenvolvimento integral do aluno, através do processo de ensino e de aprendizagem. No entanto, duas abordagens mais se aproximam deste estudo: a abordagem Crítico-Superadora, que norteada por um projeto político-pedagógico tem sua realização na escola, manifestando-se no currículo. E a abordagem Humanista que vê no jogo a oportunidade de proporcionar o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo-social do aluno.

3 - O Contexto de Definição da Política de Esporte

Com a crescente manifestação ou fenômeno mundial do esporte, com a grande influência econômica, surge a necessidade de se criar modelos para a compreensão do mesmo. Para compreender o esporte moderno é importante distingui-lo dos jogos e das formas primitivas de se praticar competições físicas.

Para Gebara (2002) o esporte moderno é um objeto em constituição, ele não está ainda constituído a ponto de permitir sua compreensão com base em um modelo de análise pré-concebido.

Várias perspectivas de abordagem do esporte moderno foram desenvolvidas. Vamos citar entre elas as que mais tiveram destaque e que de certa forma influenciam a concepção atual de esporte moderno. Uma que surge na Inglaterra em finais dos século XIX. Com o surgimento da política de massas, processo que apresentou tradições próprias, entre elas o esporte (no caso futebol – Inglaterra – que se organizou e se profissionalizou e do ciclismo na Europa) há uma explosão do mesmo. Ressalvando o pouco conhecimento do esporte na época, pode se dizer que há uma massificação do mesmo.

Também houve a chamada “americanização” do esporte, termo não aceito por muitos autores. Wagner (1990), citado por Gebara (2002), aprofunda a discussão partindo de estudos na África e na Ásia, sugerindo a utilização do termo “mundialização” em vez de “americanização”, posto que o fenômeno em análise, segundo eles, se refere a um processo de homogeneização da prática e do consumo esportivo, fenômeno que se explica fundamentalmente por: a) maior ganho de popularidade do esporte em escala mundial; b) motivação internacional para participar de eventos competitivos; c) influencia da *mass media* nos países do Terceiro Mundo, gerando interesse crescente pelos esportes ocidentalizados; d) importância política dos esportes.

Para Bourdieu (1983,1990) citado Gebara (2002), o processo de homogeneização da prática e do consumo esportivo na perspectiva do esporte moderno, no nível das práticas e dos consumos, corresponde a uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social, de modo que, segundo Gebara (2002), as relações entre oferta (novos esportes, novos equipamentos, por exemplo) e demanda (dada pela transformação do estilo de vida) explicam as transformações das práticas e do consumo esportivo. Explicam também as novas políticas esportivas.

Assim os esportes modernos desenvolveram-se ou poderíamos dizer, foram desenvolvidos, para serem ‘consumidos’. Proporcionar possibilidades da prática esportiva, da busca da “qualidade de vida”, da maior frequência aos estádios, enfim, da democratização dos esportes, significa aproximar o comércio (lazer, serviços e equipamentos) das práticas esportivas. Para Bracht (2003, p. 101) isso seria uma

“das marcas mais importantes do esporte moderno, qual seja a sua mercadorização”.

No Brasil, nos anos 20 e 30 a prática esportiva bem como as instituições que as organizavam, os clubes e associações foram se formando de maneira espontânea, sem a participação do estado, mantendo-se independentes das estruturas esportivas oficiais (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

Nesse sentido o esporte usufruía de certa autonomia e independência. Essas condições se alteraram significativamente. Como aconteceu com os trabalhadores, com a educação, com a cultura, a Educação Física também sofreu forte intervenção do Estado. O esporte foi pensado para a disciplina corporal e o lazer para repor as energias para um desempenho melhor no trabalho.

Em 1941, através do Decreto-Lei nº 3.199, o “Estado passou a intervir nas entidades chamadas “desportivas”, limitando a autonomia e impondo um sistema de organização das entidades de esporte no país de modo verticalizado” (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

Analisar as relações entre o Estado e o esporte é identificar o tipo de relação assumida entre o Estado e a sociedade civil numa determinada época ou sociedade. Os interesses do Estado ao intervir na organização esportiva são os mais variados, pois vão “[...] desde a ‘integração nacional’, ‘a educação cívica’, ‘preservação da saúde da população’, ‘melhoria da qualidade de vida’, ‘oferecimento de oportunidades de lazer’ etc.” (BRACHT, 1997, p. 68).

Bracht e Almeida (2003) definem muito bem a presença do estado no setor esportivo:

Em que pesem as simplificações, diríamos que duas foram as idéias que orientaram a intervenção do Estado no setor esportivo, mormente nas quatro ou cinco últimas décadas do século XX: a) o esporte como instrumento de ação política no plano internacional (o desejo declarado por medalhas); b) a idéia de que a prática de esportes em massa é promotora da saúde e de uma melhor qualidade de vida da população, compensando os problemas advindos da vida urbana crescentemente tecnologizada, típico daquilo que caracterizamos como o Estado de bem-estar social. [...] Estabeleceu-se uma relação de mútuo condicionamento: ao componente curricular educação física é colocada a tarefa de funcionar como o alicerce do esporte de rendimento, sendo considerado a base da pirâmide; e a instituição esportiva, com o discurso da saúde e da educação, lança mão desses argumentos para conseguir apoio e financiamento público e alcançar legitimidade social.

Ainda sob a vigência da do Decreto Lei 3.199 de 14/04/1941, cria-se o Conselho Nacional de Desporto (CND), com objetivos claros de fiscalizar e orientar

as atividades esportivas. Também é criado o Sistema Nacional Desportivo (SND) – Lei N.º 9.615, de 24/03/1998 – para coordenar as atividades das entidades esportivas. O Sistema Nacional do Desporto congrega as pessoas físicas e jurídicas de direito privado, com ou sem fins lucrativos, encarregadas da coordenação, administração, normalização, apoio e prática do desporto, bem como as incumbidas da Justiça Desportiva e, especialmente:⁷

- I - o Comitê Olímpico Brasileiro - COB;
- II - o Comitê Paralímpico Brasileiro;
- III - as entidades nacionais de administração do desporto;
- IV - as entidades regionais de administração do desporto;
- V - as ligas regionais e nacionais;
- VI - as entidades de prática desportiva filiadas ou não àquelas referidas nos incisos anteriores

É, também, responsável por disciplinar, financiar e organizar as associações esportivas e promover a educação física, entre outras funções.

Nesse período, as idéias de nacionalismo e patriotismo estavam presentes nas formulações das políticas públicas – que queria manter a sociedade brasileira sobre o controle do estado. Nessa direção, as políticas para o esporte possuíam um modelo rígido, pois as práticas esportivas e participativas eram vistas como contrárias à construção do ideal de um indivíduo moldado pelo estado.

Com a estruturação do Sistema Nacional Desportivo, houve uma divisão dos tipos de esportes: esporte militar, esporte universitário e o esporte escolar – chamado esporte da juventude. Os segmentos de esporte que não faziam parte da normatização foram excluídos do sistema oficial e, portanto, do financiamento do estado. Também não havia uma política de acesso ao esporte. Para a população restava participar do esporte como espectadora – torcer já era considerado participação no esporte (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

Nas décadas de 50 e 60 o esporte ainda sofria forte intervenção do estado. Porém, já começavam aparecer alguns investimentos por parte dos governos municipais, estaduais e federal, mas se limitavam à compra de materiais esportivos, troféus, pagamento de arbitragem e construção de estádios e ginásios esportivos.

As entidades esportivas ainda sofriam interferências desse modelo de gestão pública centralizadora e eram mantidas sob forte influência do poder público. A prática esportiva começa a ser inserida no âmbito escolar com mais força, ocupando

⁷ Texto tirado da Lei N.º 9.615, de 24/03/1998.

gradativamente o espaço da educação física (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009). Com o golpe militar de 1964, o esporte, burocraticamente passou ao controle do Estado. Como em todos os setores, também através do esporte se buscava fortalecer a identidade nacional. Até meados da década de 1980 o Estado ainda mantém o controle sobre as entidades esportivas.

Essa centralização pode ser reconhecida na criação do Departamento de Educação Física e Desportos, do Ministério da Educação e Cultura que com os recursos da loteria esportiva, criada para prover programas de Educação Física e esportes, creditava em conta do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação e cedia apoio financeiro a órgãos públicos e entidades que integrassem o sistema (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

Todas as intervenções do Estado no esporte eram voltadas para o esporte de alto rendimento. A Educação Física Escolar era a base da pirâmide. A prática esportiva como direito, como lazer e qualidade de vida não era possibilitada nem defendida.

O que surge aparentemente como inovação neste período é definição das diferentes maneiras de organização do desporto: comunitário, estudantil, militar e classista. Quando a prática esportiva não era direcionada aos atletas, tinha como objetivo a manutenção e o controle da força produtiva dos trabalhadores, demonstrando assim que o significado dos conceitos não refletia a prática (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

Nos anos 70 houve uma ação do Estado que seria um importante indício do reconhecimento, por parte deste, da necessidade de políticas públicas que considerassem o esporte como um direito de todos os cidadãos. Essa ação foi a criação do Plano de Educação Física e Desporto. Mas, ainda o esporte era utilizado como instrumento para agregar valor e boa imagem ao governo.

Com a abertura política dos anos 80, fortes debates sobre o sistema esportivo no Brasil sugerem alterações. Seguindo as tendências mundiais, o Brasil abre seu mercado à concorrência estrangeira. Do nacional-desenvolvimento volta-se a uma visão liberal de economia (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

Esse liberalismo também começa acontecer no esporte. As entidades esportivas reivindicam autonomia frente às políticas públicas esportivas e mudanças na legislação esportiva. Apesar da ênfase dada ao esporte de alto rendimento e ao

futebol, a regulamentação da Constituição Federal de 1988, efetivada com a Lei Zico⁸ (1993), foi um fato importante na transformação do esporte no país.

A partir de 1994 houve grandes avanços nas políticas públicas voltadas para o esporte no país. Com a criação do Ministério de Estado Extraordinário do Esporte e do Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto (INDESP)⁹ e com a abertura política que o país estava vivendo o Governo Federal começa a diminuir gradativamente a sua interferência nas entidades esportivas. Porém, ainda somente a estrutura de esporte e lazer, mas não no financiamento.

Com o aparente distanciamento da intervenção do Estado, o discurso muda, projeta-se a gestão tecnocrata com os técnicos das áreas de esporte e lazer estipulando as prioridades da demanda social. Ainda havia forte interferência do esporte de alto rendimento.

Com a Lei 8.672/93 – Lei Zico, o esporte passou a se organizar, independente do estado. Assim o esporte passou a seguir os interesses do mercado, e o esporte de rendimento, fica com a maior parte dos recursos destinados ao setor. A Lei Zico não avançou e nem propiciou a participação popular. O esporte ainda não era democrático (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

A Lei 9.615/98 – Lei Pelé¹⁰ – que regula o presente Sistema Brasileiro de Desporto, tanto quanto a Lei Zico, deixava as discussões sobre a estrutura esportiva a um segundo plano. Novamente o futebol encontrava-se no centro das atenções e, privilégios, ainda eram mantidos.

⁸ Segundo Pozzi (1998), citado por Minadeo, a Lei Zico foi uma tentativa de moralizar e modernizar o esporte. Sua abordagem previa entre outras coisas, que os clubes, deixassem de ser entidades de direito privado, sem fins lucrativos, isentos de pagamento de tributos e se transformassem em empresas de direito privado permitindo dessa forma a fiscalização do ministério público e responsabilizando criminalmente seus dirigentes pela administração dos clubes . A lei previa também que todos os jogadores ganhassem passe livre a partir do ano 2000 e a negociação de contrato de trabalho deveria ser feita entre patrão e empregado, ou seja, clube e jogador. Uma das questões polêmicas desta lei era o esvaziamento do papel da Confederação Brasileira de Futebol – CBF, uma vez que os clubes ou ligas passariam a ter direito de estabelecer negociações de direito de TV e marketing, calendário e organização de todos os torneios e à CBF responderia apenas pela seleção brasileira. Outro ponto de conflito dizia respeito aos bingos.

⁹ O Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto - INDESP é uma autarquia federal com a finalidade de promover, desenvolver a prática do desporto e exercer outras competências específicas que lhe são atribuídas Lei Nº. 9.615 - DE 24/3/1998 - (Lei Pelé).

¹⁰ A Lei 9.615/98, Lei Pelé, instituiu normas sobre o desporto brasileiro. Procurou tratar o desporto de uma forma geral, mas sem sombra de dúvida teve no futebol seu alvo principal. Apresentou questões polêmicas como o "passe livre", como a reestruturação da Justiça Desportiva e a possibilidade de criação de ligas, regionais ou nacionais, com autonomia e independência, desvinculadas da CBF e conseqüentemente da FIFA.

No que tange ao processo de democratização sofrido pelo esporte nos anos 90, a sua real abertura para a participação popular e a contribuição dos mais diferentes setores da sociedade brasileira sobre os caminhos das políticas sociais do esporte, só veio a se concretizar a partir de 2003. Com a criação de oportunidades e o acesso às mesmas e o Estado garante essas condições, o esporte assume seu caráter público e de direito. (COLETÂNEA ESPORTE E LAZER - 2009).

Com a criação do Ministério do Esporte em 1995 – ainda vinculado ao Ministério de Educação com o nome de Ministério Extraordinário do Esporte, novas esperanças surgem para a democratização do esporte. Em 2003, o Ministério Extraordinário do Esporte ganhou pasta própria e passou a se chamar Ministério do Esporte – e com debates sobre a política nacional do esporte, com conferências e discussões de toda a sociedade, as possibilidades de se democratizar e universalizar o acesso ao esporte e lazer são enormes. Significa alcançar novos patamares de desenvolvimento do país.

Assim, já se percebe, como descreve Couto (2005, p. 3), que

O esporte está inserido na multiplicidade das ações, seja no jogo informal dos finais de semana, ou na ginástica das academias, ou das caminhadas ecológicas, ou na dança de salão da terceira idade, ou nas brincadeiras nas praças públicas. O esporte tem espaço para receber toda a gente, sem limites etários ou sociais; com objetivos de alto rendimento ou não; atuando com pessoas normais, dentro dos conceitos de saúde, ou com necessidades especiais. O esporte é, portanto o conteúdo da Educação Física, que pela sua pluralidade de sentidos, pode manifestar-se na escola, nos clubes, nas academias, nas ruas e em qualquer ambiente da sociedade.

Assim, a prática esportiva que conhecemos hoje é resultado de profundas transformações ocorridas ao longo dos anos.

4 - A Política do Desporto Educacional: Concepção e Princípios Orientadores

4.1 - Origem da Política do Desporto Educacional

Falar do Desporto Educacional como está acontecendo hoje em nossas escolas, requer informações sobre a Política de implantação do mesmo. Requer saber porquê o governo criou o Programa Esporte na Escola.

Com a nossa fraca participação nas Olimpíadas de Sydney no ano 2000, os responsáveis foram duramente questionados. O poder público, então, desencadeia um movimento objetivando “fortalecer” a educação física nas escolas e, por um lado cria o Programa Esporte na Escola, por outro altera Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, através da Lei Nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003, com a qual, a educação física passou a ser componente curricular obrigatório para a educação básica.

De acordo com Carlos A. Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) [...] “o esporte na escola é a iniciativa mais importante da história do esporte no Brasil ”[...]”¹¹ Aqui podemos completar esta frase com o que dizem Bracht e Almeida (2003 p. 90), “oferecendo a possibilidade de a criança se tornar um grande atleta num futuro próximo”. Porém, diante das críticas específicas à relação que o esporte vem mantendo com a educação física no ambiente escolar, Bracht (1992 p. 57) afirma que a

educação física se subordinou aos códigos da instituição esportiva e, por conseguinte, não teríamos o esporte *da* escola e sim o esporte *na* escola. E à educação física seria reservada a tarefa de fornecer a base, através da detecção de talentos, para o esporte de rendimento. A escola seria a base da pirâmide esportiva.

Nesse contexto, Neto¹², afirma que os Jogos Estudantis seriam o *locus* onde os conhecimentos desenvolvidos nas aulas de educação física escolar – as práticas esportivas institucionalizadas – poderiam ser avaliados. Assim, seguindo a lógica da pirâmide esportiva, a relação dos Jogos Estudantis com a educação física na escola teria um duplo sentido. Significando para Neto (s.d.)

um *fim* para os professores, já que este evento poderia ser considerado um marco no transcorrer do ano letivo. E um *meio* para promoção do esporte (de rendimento) nacional, pois caberia aos Jogos Estudantis constituir o segundo patamar da pirâmide esportiva.”

Procurando se valer dessa “pirâmide esportiva”, que então se justifica – pelo menos no sentido de esporte de alto rendimento – vislumbrando uma forma de melhorar nossa participação em eventos internacionais, principalmente nos Jogos

¹¹ Texto retirado do site do COB. <http://www.cob.org.br>

¹² Texto da biblioteca própria, sem datação. Educação Física, Políticas de Esporte Escolar e Jogos Estudantis.

Olímpicos, o COB (Comitê Olímpico Brasileiro), lançou um “projeto de longo prazo e sem precedentes na história do esporte escolar brasileiro”.

Em 2005 o Governo Federal, através do Ministério dos Esportes (ME), com organização do Comitê Olímpico Brasileiro criou as Olimpíadas Escolares em substituição aos Jogos Escolares Brasileiros . As Olimpíadas Escolares passam a ser o maior evento estudantil esportivo do Brasil.

Referindo-se a importância das Olimpíadas Escolares, Carlos Arthur Nuzman, Presidente do COB assim se expressa:

Trata-se do compromisso de transformar o esporte escolar brasileiro em um importante instrumento de inclusão social, de valorizar e revitalizar a prática esportiva nas escolas públicas e privadas do país e de promover a descoberta de novos talentos para o esporte brasileiro. (1)

Desta forma, diferente dos Jogos Escolares Brasileiros, que era uma competição feita por seleções estaduais de alunos, as competições nas Olimpíadas Escolares acontecem entre escalas campeãs estaduais.

“aumentar a participação em atividades esportivas em todas as Instituições de Ensino do território nacional, e promover a ampla mobilização da juventude estudantil brasileira em torno do esporte,” (2)

Nuzman ainda coloca sobre a importância das Olimpíadas Escolares dizendo que

Ao educar o jovem através da prática desportiva escolar estamos cada vez mais difundindo e reforçando a construção da cidadania e os ideais do movimento olímpico, estes direcionados para construção de um mundo melhor e mais pacífico, livre de qualquer tipo de discriminação e dentro do espírito de compreensão mútua, fraternidade, solidariedade, cultura da paz e fair-play. Através das atividades desportivas, crianças e jovens constroem seus valores, seus conceitos, socializam-se e, principalmente, vivem as realidades. (Artigos 1º e 2º do Regulamento Geral das Olimpíadas Escolares) (3)¹³

Mesmo com intenções veladas, uma vez que sabemos que, para o COB, por trás do esporte escolar desde o seu primeiro ciclo 2005-2008, está a descoberta de novos talentos, reúne milhares de alunos-atletas de instituições de ensino públicas e

¹³ Texto (1), (2) e (3) retirados do Regulamento Geral das Olimpíadas Escolares.

privadas para uma competição de abrangência nacional em duas categorias distintas, de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos e tem como objetivos:

- a) Fomentar a prática do esporte escolar com fins educativos;
- b) Possibilitar a identificação de talentos desportivos nas Instituições de Ensino;
- c) Desenvolver o intercâmbio sócio-cultural e desportivo entre os participantes;
- d) Contribuir para com o desenvolvimento integral do aluno-atleta como ser social, autônomo, democrático e participante, estimulando o pleno exercício da cidadania através do esporte;
- e) Garantir o conhecimento do esporte de modo a oferecer, mais oportunidade de acesso à prática do esporte escolar aos alunos-atletas ¹⁴

As Olimpíadas Escolares são disputadas anualmente em etapas municipais, estaduais e nacionais (12 a 14 anos, categoria 'B' e 15 a 17 anos, categoria 'A'). Dessa forma, chegam à disputa nacional as escolas que tiverem se classificado primeiramente na etapa municipal e, posteriormente, na estadual.

No estado de Mato Grosso as Olimpíadas Escolares recebem o nome de Jogos Escolares que são divididos em três fases nas categorias 'A' e 'B'. São elas:

a) Municipais (de responsabilidade do município onde normalmente os Jogos acontecem durante uma semana envolvendo as duas categorias simultaneamente);

b) Regionais (tem como responsáveis e organizadoras as Secretarias de Estado de Educação e de Esporte e Lazer – SEDUC e SEEL – onde os Jogos acontecem durante uma semana envolvendo as duas categorias na mesma data). Devido as grandes proporções territoriais do Mato Grosso foi acrescida a etapa regional; e,

c) Estadual (tem como responsáveis e organizadoras a SEDUC e SEEL, onde os Jogos acontecem durante uma semana em datas diferentes).

Seguindo este modelo, os alunos da escola classificada em primeiro lugar na etapa municipal participarão, mantendo a primeira classificação, das etapas regional, estadual e nacional.

Com a finalidade de organizar e realizar os Jogos Escolares Mato-grossenses, cada município de Mato Grosso, a SEEL e SEDUC desenvolveram seus próprios regulamentos com finalidades e objetivos que vem complementar os objetivos propostos pela organização nacional (COB e ME). Dentre as várias

¹⁴ Artigo 3º do Regulamento Geral das Olimpíadas Escolares.

finalidades propostas no Regulamento Geral dos Jogos Escolares Mato-grossenses, uma delas tem por finalidade promover atividades educacionais de esporte, pesquisa, integração social e o intercâmbio cultural. Entre os objetivos destacamos:

- a) Fomentar a prática de atividades esportivas educacionais;
- b) Possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades no esporte;
- c) Contribuir para o desenvolvimento integral do aluno como crítico, autônomo, democrático, participativo estimulando seu pleno exercício de cidadania;
- d) Desenvolver as atividades esportivas prevalecendo sempre o caráter educacional.¹⁵

Com a confirmação da vinda dos Jogos Olímpicos para o Brasil em 2016 ficou clara, a meu ver, mais uma vez, a intenção das entidades responsáveis pela organização nacional do desporto brasileiro (COB e ME). Transformaram os eventos escolares em ‘eventos reveladores de talentos’. É o esporte “na escola”.

A justificativa de fortalecer o esporte nas aulas de educação física com afirmações que objetivam a construção de cidadania, um mundo melhor, etc., mascara a verdadeira finalidade de “descobrir” atletas para o esporte de alto rendimento. Aí, por que não, podemos pensar que grandes marcas esportivas e grupos televisivos estejam por trás. O projeto lançado pelo COB tem a parceria com a Rede Globo de Televisão.

No seu conseqüente desenvolvimento o esporte assumiu suas características básicas: competição, rendimento físico-técnico, recorde, racionalização e cientificização do treinamento. Essas características desse fenômeno esportivo influenciaram definitivamente toda a cultura corporal de movimento, esportivando-a. Hoje o conceito de esporte solicita uma abordagem mais complexa, por um processo de classificação em decorrência do seu grau de diferenciação de atividades (Bracht 2003).

Com a promulgação da Lei 11.438/07 – Lei de Incentivo ao Esporte – que possibilita que as pessoas físicas e jurídicas descontem do Imposto de Renda doações e patrocínios para realização de projetos esportivos e a sua regulamentação através do Decreto Lei 6.180/07, dividiu-se o desporto em três manifestações (art. 4º). Desporto de cunho educacional, desporto de participação e desporto de rendimento.

¹⁵ Regulamento Geral dos Jogos Escolares Mato-grossenses, edição 2009.

Quando da promulgação das Leis acima citadas, houve uma esperança de melhora para as poucas e fracas condições que o desporto, nas três divisões, principalmente na educacional e de participação, dispunham para se organizar e realmente poderem, crescer e tomar novos rumos. Infelizmente isso não acontece. Pelo menos não para o desporto educacional. Para se conseguir verbas através da Lei de Incentivo ao Esporte, a burocracia é muito grande.

4.1.1 - Desporto Participativo

O desporto de participação, caracterizado pela prática voluntária, compreendendo as modalidades desportivas com finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente. No esporte enquanto atividades de lazer encontram-se formas derivadas do esporte de rendimento, como outras que dele divergem quanto a aspectos formais e sentidos interno das ações.

4.1.2 - Desporto de Rendimento

O desporto de rendimento, praticado segundo regras nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados, integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações. Para Walter Bracht, o desporto de rendimento tem sua característica mais marcante na transformação do esporte em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa, dessa forma assumindo características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas. O esporte de alto rendimento ainda é modelo de atividade para grande parte do esporte enquanto atividade de lazer e no âmbito escolar, propiciando a socialização para o consumo do esporte.

4.1.3 - Desporto Educacional

O desporto educacional corresponde ao ofertado a alunos regularmente matriculados em instituição de ensino de qualquer sistema, evitando-se a seletividade e a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer. Bracht (2000) escreve que o esporte praticado com a intenção educacional pode

vincular-se as outras duas dimensões, no entanto seu objetivo deve ser a reflexão crítica das atitudes (individuais e coletivas), dos procedimentos (jogos) e dos conceitos (regras), salientando – e pode se situar aí um dos mais sérios problemas da educação física – que para ser educacional, não é suficiente o simples “fazer motor”, sendo necessária à intervenção do professor de educação física com perguntas que estimulem a reflexão crítica sobre o esporte e seus desdobramentos na vida do aluno.

4.1.3.1 - Os Princípios Orientadores do Desporto Educacional

O conceito de esporte educacional ou esporte-educação surgiu a partir da Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da Unesco, lançada em 1978. A carta, no seu Artigo 2º, salienta que “A educação física e o desporto constituem um elemento essencial de educação permanente no sistema global de educação”¹⁶ e que o esporte deve contribuir para a inserção social.

Por ocasião dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), em 1985, iniciou-se no Brasil o debate sobre o esporte educacional. E em 1995, com a criação do Ministério Extraordinário do Esporte e do INDESP (Instituto Nacional do Desenvolvimento do Esporte), foi elaborado um documento-ensaio com os princípios fundamentais do esporte educacional, que são:

- A totalidade que visa o fortalecimento da unidade do homem (consigo, com o outro e com o mundo), considerando a emoção, a sensação, o pensamento e a intuição como elementos indissociáveis desta mesma unidade, favorecendo o desenvolvimento do processo de auto-

¹⁶ Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO.

conhecimento, auto-estima e auto-superação, visando a preservação de sua individualidade em relação às diversas outras individualidades, tendo em vista o contexto uno e diverso no qual está inserido.

- A co-educação, concepção da Educação que, como um processo unitário de integração e modificação recíproca, considerando a heterogeneidade (sexo, idade, nível sócio-econômico, condição física, etc.) dos atores sociais envolvidos e, fundamentando-se nas experiências vividas de cada um dos participantes e estruturando a atuação pedagógica apoiada na ação e reflexão, tem na relação mestre-aprendiz, como o encontro entre dois educadores, o seu alicerce.

- A emancipação, busca da independência, autonomia e liberdade do homem, fundamentando-se nos princípios da educação transpessoal, pelo qual o aprendiz “é encorajado a despertar, a se tornar autônomo, a indagar, a explorar todos os cantos e frestas da experiência consciente, a procurar o significado, a testar os limites exteriores, a verificar as fronteiras e as profundidades do próprio eu” oportunizando assim, o desenvolvimento por intermédio da criatividade e da autenticidade, da capacidade de discernir criticamente e elaborar genuinamente as suas próprias razões de existir.

- A participação engloba a valorização do processo de interferência do homem na realidade na qual está inserido, fundamentado nos princípios de co-gestão, co-responsabilidade e integração e favorecendo seu comprometimento, como ator-construtor dessa mesma realidade, propicia o gerenciamento das questões de seu interesse, tendo em vista o processo de organização social decorrente do exercício de seus direitos e responsabilidades.

- Cooperação que constitui a união de esforços no exercício constante da busca do desenvolvimento de ações conjuntas para a realização de objetivos comuns, fundamentada no potencial cooperativo e no sentimento comunitário de cada um dos participantes do processo, estreitando, assim, os laços de solidariedade, parceria e confiança mútua, de forma a fortalecer as habilidades em perseverar, em compartilhar sucessos e insucessos, em compreender e aceitar o outro, como elementos constitutivos do processo de co-evolução do homem e,

- O regionalismo, respeito, proteção e valorização das raízes e heranças culturais, como sinergias constitutivas do todo, considerando a singularidade inerente aos diversos mundos culturais, surgidos da relação intrínseca entre seus elementos, de forma a resgatar e preservar a sua identidade cultural, no processo de construção do coletivo (INDESP, 1996).

Com estes princípios definidos e orientadores o esporte escolar reforça a sua grande possibilidade e também uma das principais funções, que é transformar-se em prática pedagogia inclusiva. Para isso é importante que o esporte escolar reforce a cooperação, a ética, a coletividade, as possibilidades de superação em grupo, que proporcione práticas prazerosas, que permita aceitar a ascensão social de alguns atletas quando acontece de forma natural.

4.1.3.2 - O Esporte Escolar e sua Organização

É importante estabelecer uma diferença entre a Educação Física como disciplina escolar e o esporte. Aquela, um componente curricular legal dos sistemas de ensino previsto na Lei de Diretrizes e Base, que é a área de conhecimento que promove a inserção e integração dos alunos na cultura corporal do movimento por intermédio dos conteúdos esportes, jogos, danças, ginásticas, lutas e conhecimento sobre o corpo. O esporte escolar é o espaço da vivência, do fazer com qualidade, da experiência de novas possibilidades, da superação e da oportunidade de novas aprendizagens.

O esporte escolar tem lugar no seio da escola, mas fora das aulas de educação física, propriamente ditas. Mesmo sendo uma atividade extracurricular, mas, escolar e, portanto educativa – uma vez que acontece dentro de uma escola, o esporte tem sua função formativa.

Sabemos que, na teoria, o esporte escolar é proposto como possibilidade de formação do aluno. Na prática isso nem sempre acontece. Muitas vezes essa prática é reproduzida com objetivos competitivos, com características do esporte federalizado.

O esporte escolar pode proporcionar uma oportunidade de prática para todos os alunos, até mesmo para os menos capazes tecnicamente. Porém, quando se fala em jogos escolares, faz-se necessário a composição de um selecionamento. Um grupo que por qualidades técnicas, motoras e psicológicas, recebe o nome de seleção. Aqui não vem ao caso as fortes críticas que o esporte escolar, quando praticado com o objetivo de formar uma seleção, recebe de alguns pensadores e autores por ser considerado discriminatório, uma vez que esse não é o objetivo deste estudo. Reafirmando, é este grupo de alunos selecionados, que passam por diferentes experiências, por novas possibilidades, por novas oportunidades e aprendizagens que estamos estudando. O texto de Damiani e Escobar (2006) ilustra muito bem esta visão.

[...] Como conseqüências da aprendizagem e da prática surgem os jogos escolares e se levanta o problema da seleção. A escola deve oferecer a todos os estudantes oportunidade de escolha de participar de jogos tanto de caráter lúdico quanto de alto rendimento. No caso particular do alto rendimento, deve oferecer espaço, orientação e equipamentos apropriados

e suficientes para esse fim que permitam a ampliação do acesso e a permanência de escolares na prática esportiva com valorização profissional daqueles que atuam nessa atividade dentro da escola.

Hoje o esporte escolar de rendimento, ou seja, aquele que é praticado com a finalidade de formar seleções, mas nem por isso deixa de ser educativo, é organizado de forma a proporcionar que todas as escolas tenham o direito de participar.

É condição – consta no regulamento – para que uma escola participe das Olimpíadas Escolares, que tenha participado desde a fase municipal, regional e estadual. Portanto, organizado pelas Secretarias Municipais na fase municipal, pelas Secretarias Estaduais de Educação e /ou de Esportes, na fase regional e estadual e pelo Ministério dos Esportes, juntamente com o Comitê Olímpico Brasileiro, na fase nacional.

Assim, a escola campeã municipal – de qualquer modalidade constante do regulamento – pode chegar a se campeã nacional.

Aqui é oportuno destacar que dentre as escolas que possuem um trabalho sistemático com práticas esportivas extracurriculares, as escolas particulares, de um modo geral, são a grande maioria, e ainda, possuem autonomia para determinar seu projeto de ação, o que raramente acontece com as escolas públicas. Estas, vinculadas às normativas determinadas pelas Secretarias de Educação, encontram maior dificuldade para compor suas equipes. Este fato fica claro no estudo em questão.

CAPÍTULO III

ESCOLA, EDUCAÇÃO, ESPORTE E CURRÍCULO

1 – A Educação

Estava lendo alguns textos para que falar um pouco sobre a educação. São muitos e ótimos textos que encontrei em diversos livros e na internet com também diversos autores. São muitas tendências ou correntes. São educadores, filósofos, sociólogos, psicólogos, artistas e outros que falam sobre a educação.

Resumindo a história da educação, podemos iniciar falando da Grécia Antiga, onde a educação, denominada de Paidéia, se iniciou como comunitária, mas com o desenvolvimento da sociedade se tornou específica. Em todas as formas de educar gregas, o indivíduo era educado para a sociedade como um todo. Existia a educação para nobres e plebeus.

Em Roma a educação surgiu como na Grécia, comunitária, a formação do patriarca agricultor sobressaía sobre a do cidadão. Mais tarde surge a escola primária, como a escola de primeiras letras gregas, também surge a escola de gramáticos, e muito mais tarde a Lector. Havia em Roma a educação que formava os trabalhadores na oficina de trabalho; o cidadão era educado para também empregar seu saber na sociedade.

A escola surge com o desenvolvimento do cristianismo na Antiga Europa para uma educação que salvaria almas, e isso perdurou até o final do século XIX quando Émile Durkheim começou a ligar educação e sociedade, a educação vira fato social, pois para ele há um consenso harmônico que mantém o ambiente social.

Já para Paulo Freire, a educação está no cotidiano do aluno, fazendo com que a vivência e as experiências do indivíduo façam parte efetiva da escola, para a educação ser livre e comunitária.

A educação é sem sombra de dúvidas, um dos setores mais importantes para o desenvolvimento de um país. Embora o Brasil tenha avançado neste campo nas

últimas décadas, ainda há muito para ser feito. Vejamos o que diz o relatório do UNESCO sobre a educação no Brasil de 2008.¹⁷

Elevados índices de repetência e de abandono da escola no Brasil foram apontados em relatório da Unesco. SÃO PAULO - Com índices de repetência e abandono da escola entre os mais elevados da América Latina, a educação no Brasil ainda corre para alcançar patamares adequados para um País que demonstra tanto vigor em outras áreas, como a economia. Segundo o Relatório de Monitoramento de Educação para Todos de 2010, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a qualidade da educação no Brasil é baixa, principalmente no ensino básico. Veja o relatório da Unesco O relatório da Unesco aponta que, apesar da melhora apresentada entre 1999 e 2007, o índice de repetência no ensino fundamental brasileiro (18,7%) é o mais elevado na América Latina e fica expressivamente acima da média mundial (2,9%). O alto índice de abandono nos primeiros anos de educação também alimenta a fragilidade do sistema educacional do Brasil. Cerca de 13,8% dos brasileiros largam os estudos já no primeiro ano no ensino básico. Neste quesito, o País só fica à frente da Nicarágua (26,2%) na América Latina e, mais uma vez, bem acima da média mundial (2,2%). Na avaliação da Unesco, o Brasil poderia se encontrar em uma situação melhor se não fosse a baixa qualidade do seu ensino. Das quatro metas quantificáveis usadas pela organização, o País registra altos índices em três (atendimento universal, igualdade de gênero e analfabetismo), mas um indicador muito baixo no percentual de crianças que ultrapassa o 5º ano. Problemas que a educação brasileira ainda enfrenta, a estrutura física precária das escolas e o número baixo de horas em sala de aula são apontados pelos técnicos da Unesco como fatores determinantes para a avaliação da qualidade do ensino.

Vale lembrar que, falar de educação é tão importante e envolve tantos autores, que o Ministério da Educação distribuiu, entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011, a Coleção Educadores. Nela estarão reunidos 31 autores brasileiros e 30 pensadores estrangeiros que exercem influência sobre a educação nacional. Serão distribuídos 185 mil conjuntos da coleção em escolas públicas da educação básica, em bibliotecas de universidades, de faculdades de educação e públicas¹⁸.

Entre algumas leituras achei interessante a ou as definições e comentários sobre educação que faz Lizzi Barbosa (2008).

É possível que a comunidade nunca tenha se perguntado sobre o que é educação. Mas é preciso saber que ela acontece em qualquer lugar e tempo e não é produto exclusivo das salas de aulas. Educação acontece quando transmitimos aos nossos filhos os ensinamentos e valores que recebemos de nossos pais. Quando papricamos nossas crianças e as guiamos pelo caminho que acreditamos ser o melhor.

¹⁷ Texto do jornalista Eric Akita publicado no site www.estadao.com.br. Acesso em 12/12/10

¹⁸ Informações extraídas do site: www.mec.gov.br. Acesso em 02/11/10

A educação não é um produto que se encontra nas prateleiras dos supermercados, mas é a transmissão de culturas e conhecimentos que recebemos e retransmitimos todos os dias.

A educação não é uma verdade eterna e imutável, mas é uma realidade que se transforma ao longo dos tempos guardando consigo um pouco de tudo que vai transformando.

A educação não é mérito de um único professor ou de uma única escola, mas é o objetivo de todo docente e de toda comunidade escolar.

A educação não é imposta, mas é primordial para a construção dos seres históricos de uma comunidade.

A educação precisa de defensores, de facilitadores, de pensadores e acima de tudo da cultura do povo que a constrói e por ela é construído.

Educação não é feita de belas frases e nem de modismos. É feita de pessoas: de suas histórias e suas vivências.

Educar é centra-se na formação integral do ser humano para que ele se reconheça no seu meio social.

A educação é diferente em cada cultura, o que nos remete e faz atentar para o fato de que é preciso antes de tudo ouvir as pessoas a quem se pretende educar.

A educação imposta de cima para baixo não deixa bons reflexos. Mas construída coletivamente forma cidadãos.

Existem muitas formas de educar, mas não existe receita infalível. É preciso aprender, ensinar e aprender, com este ciclo a formação dos mestres - aprendizes e dos aprendizes – mestres torna-se palpável e os velhos modelos vão ficando pelo caminho.

Ninguém escapa da educação, ela acontece em todos os momentos da nossa vida. Fiquemos atentos aos métodos!

Portanto, educação é um fenômeno exercido em diversos espaços do convívio social. Não importa como ela acontece, mas está sempre em função da sociedade, quer seja para o ajustamento de um indivíduo, um grupo ou diversos grupos de uma sociedade. Vai além do ensinar e aprender. Educação implica em uma ação transformativa, histórica, colaborativa, participativa e de construção conjunta em uma sociedade.

Assim, reforça-se a idéia de que a educação não é uma mera representação da realidade, mas imbricada no conjunto das ações humanas e deveria ser um meio social de possibilitar a compreensão das múltiplas formas de refletir, elaborar e produzir conhecimentos (PALMA – 2008 p 17)

2 - Educação Escolar

Quando pensamos em educação escolar ou na escola, imediatamente imaginamos as escolas onde estudamos. Antes da de pensarmos na formação recebida, imaginamos o prédio e os então nossos professores. Mas é por aí. Nossa prática formativa formal — que ocorre nos espaços escolarizados quer sejam da

Educação Infantil à Pós Graduação — se deu em um espaço físico determinado com professores de forma intencional e com objetivos determinados.

É importante pensarmos a educação na escola como “resultado de todo o movimento e das contradições da história da prática social e da educação do homem” (PALMA – 2008 p 17). Ainda em Palma, a educação escolar se dá, envolvida com cidadãos sociais, que esperam uma formação além da familiar, com a participação cultural, intelectual, profissional e política.

Portanto, a educação se dá em casa, na rua, na igreja, no esporte, no grupo de amigos, nos veículos de comunicação de massa ou na escola, nossas ações diárias estão sempre envolvidas com educação. Já a educação escolar é um processo planejado para resultar nos interesses e valores da sociedade em que a escola está inserida. Assim, a escola se torna uma reprodutora de conhecimentos, pois representa a classe que a organiza e mantém (PALMA – 2008).

A escola precisa respeitar as múltiplas inteligências, criar meios de inserção para que todos se sintam felizes e capazes da realização pessoal. É na escola de hoje que o multiculturalismo se manifesta e deve ser respeitado, juntamente com as informações advindas das disciplinas tradicionais, deve ser trabalhado, discutido e posto em ação. Precisa garantir a democratização do acesso e as condições de permanência do aluno.

Conhecimentos sobre a língua portuguesa e estrangeira, sobre literatura, sobre a arte, conhecimentos sociais, ciência, educação física, história, geografia, enfim, toda a organização e componentes de ação da e na escola constituem o desenvolvimento curricular. Também o esporte escolar.

3 – Escola, Esporte e Currículo

A relação esporte e escola é íntima e tumultuada. Acompanhando o pensamento de Darido (2003), existe desde quando se pensou a escola como espaço de formação. O esporte apresenta-se, dentro da escola, como um elemento educativo, um modelo pedagógico capaz de desenvolver o sentido de coletividade, o aprendizado da vida social moderna e o conhecimento.

Autores como Walter Bracht, Tarcísio Mauro Vago, Elenor Kunz,¹⁹ entre outros, discutem as possibilidades pedagógicas do esporte. Para eles, as principais discussões e causas deste tumulto, estão na formulação que contrapõe o esporte na escola ao esporte da escola, e por conseqüência a contraposição lúdico x competitivo, participativo x rendimento, inclusão x exclusão, a socialização através do esporte e a formação de cidadãos. Para Oliveira (1999)

O acerto de contas no sentido da produção de uma cultura escolar reside, justamente, no fato de que o esporte penetra pelos portões da escola, ocupa seus espaços e seus tempos e sai da escola tal como entrou, sem modificações, sem alterações, tendo apenas produzido (formado) os atletas e os consumidores do espetáculo esportivo. Ou será que essa situação não é real, é só invenção dos “teóricos”, do pessoal “do contra”, dos “pouco práticos”? Quero dizer com isso que, nas “condições normais” do momento, o esporte entra e sai da escola do mesmo jeito, o que significa que a cultura escolar do esporte, ou a cultura produzida na escola, não estabelece uma tensão de forma inexorável, estando também no plano das possibilidades. Diferentemente do exposto nos textos de Bracht e de Vago, analiso que o esporte da escola pode ser exatamente igual ao esporte na escola. A possibilidade de serem diferentes está inscrita na esfera da ação do professor, na prática pedagógica, que, por sua vez, está instruída pelo projeto político-pedagógico da escola.

Antes de se apontar o esporte dentro de um componente curricular com fins de aprendizagem, deve-se buscar e apontar razões para que a Educação Física faça parte, ou seja considerada um componente curricular e, portanto, com fins de ensino-aprendizagem. Para Palma (2008 p 31)

Ao considerar a Educação Física como matéria do currículo escolar, entendemos que ela não pode ter tarefas diferentes dos demais componentes do contexto, muito embora apresente particularidades (saberes) que são próprios da área. Portanto, ela deve ser considerada como uma matéria escolar que objetiva o ensino de conhecimentos, sendo o movimento culturalmente construído seu referencial primário.

¹⁹ - Walter Bracht em seu livro *Educação Física e Aprendizagem Social*, dedica um capítulo a Educação Física Escolar como Campo de Vivência Social, onde discute a socialização através do jogo e do esporte, a aprendizagem social no ensino dos esportes na escola, entre outros.

- Tarcísio Mauro Vago faz uma discussão sobre o esporte escolar no seu livro *O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht*, onde contrapõe algumas afirmações de Bracht.

- Elenor Kunz em seu livro *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte* responde ao desafio de fazer do esporte objeto de aprendizagem sistemática e de forma intencionada pela escola, uma linguagem complementar às demais e por elas complementada no inteiro sistema das relações em que se empenham corpos capazes da linguagem da ação e da ação da linguagem.

O esporte é uma dessas particularidades, próprio da Educação Física. O esporte como parte da Educação Física apresenta significado e intencionalidade sendo assim componente curricular que se transforma em prática real. Ao ser tratado pedagogicamente, o esporte possibilita o desenvolvimento nos alunos de atitudes críticas, de vivências sociais, portanto, culturais e políticas, além do conhecimento geral.

Quero chamar a atenção para que, o esporte, fazendo parte do currículo escolar, com seus objetivos, conteúdos e metodologias de ensino abrange processos e efeitos, que mesmo não postos em objetivos ou programas, fazem parte das experiências de formação do aluno.

Não estamos aqui falando ou defendendo a esportivização da Educação Física, mas das possibilidades que o esporte apresenta como parte do currículo oficial, elaborado e apresentado para ser aplicado. São nas ações dos professores que desenvolvem a prática esportiva escolar, quando compreendem e conscientizam-se das possibilidades e amplitudes do currículo oculto, quando tem noção das possibilidades das suas ações docentes e educacionais, que o aluno poderá desenvolver-se ainda mais, em todas dimensões humanas.

Quanto mais próximas e entrelaçadas estiverem às propostas do projeto pedagógico, o currículo da escola e os conteúdos que emergem do esporte, maior será a aproximação do currículo que se efetiva no interior da escola, na quadra, nos espaços onde acontecem os eventos esportivos, na sala de aula.

4 - A Escola como Espaço da Educação Esportiva e para a Cidadania

Pensa-se na escola como espaço onde todas as manifestações culturais acontecem. Local onde o aluno, além de estudar os conteúdos organizados, possa pensar aberta e criticamente sobre si próprio, a pensar sobre os outros, a pensar sobre o mundo, sobre o conhecimento disponível. O esporte é um fenômeno sociocultural e envolve a prática de atividades predominantes físicas, podendo ser recreativo, competitivo e educativo.

Para Damiani e Escobar (2006, p. 72), quando falam sobre as competições esportivas,

O ensino do esporte na escola não deve orientar-se, apenas, para a formação de uma futura elite esportiva, o que não significa a eliminação da possibilidade do desenvolvimento de atletas a partir do ensinamento das práticas esportivas no seu interior. Essa aparente contradição deve ser superada. As competições esportivas para escolares da Educação Básica ou Superior devem ser orientadas por preceitos e valores que reflitam princípios democráticos que ajudem a edificar a cidadania, assim como o respeito às convenções coletivas, a tolerância à diversidade, a cooperação, a busca da superação e o respeito a si e a outrem.

O esporte enquanto elemento educacional encontra dentro da escola espaço para a prática de cidadania. Permite que os alunos descubram e demonstrem uma idéia geral sobre os valores éticos do esporte, tendo como consequência pessoas capazes de conviver socialmente, respeitando o multiculturalismo, as diferenças e possibilidades de cada um.

Quando pensamos no esporte como um dos meios para se formar cidadãos, não podemos pensar que é o confronto, a competição, a modalidade praticada, que determinam automaticamente os valores advindos das atividades esportivas para nosso aluno. São antes de qualquer coisa, as experiências vividas nessas atividades que vão determinar esses valores. Educar para a cidadania significa colocar à disposição do cidadão-aluno, todo o conhecimento, as teorias pedagógicas, as possibilidades curriculares, que toda equipe diretiva, coordenadores e coordenadoras, professores e professoras e funcionários de uma escola possam desenvolver.

4.1 - Dimensões Educativas do Esporte Escolar

Para Damiani e Escobar (2006), uma coisa é submeter às aulas de Educação Física e a escola aos interesses da instituição esporte e, outra, é tratar pedagógica, crítica, reflexiva e criativamente o esporte enquanto conteúdo de ensino e campo de vivência social nas aulas de Educação Física.

[...] atribuir um sentido educativo ao esporte significa espelhar objetivos educacionais que representem valores, hábitos e atitudes necessários à formação do homem, na perspectiva do projeto histórico socialista e possíveis de serem alcançados por meio da prática. (DAMIANI E ESCOBAR 2006)

Algumas características do esporte escolar como atividade curricular podem ser resumidas em alguns itens: acontece normalmente fora do horário escolar, não faz parte do currículo, não é avaliado academicamente, tem participação voluntária e não pode ser discriminatório.

Quando se fala da dimensão do esporte escolar, se faz necessárias discussões e embates teóricos. Saber quem é melhor ou pior, qual é a real intenção com que é desenvolvido o esporte na escola, saber se os alunos atletas são tratados somente como atletas, enfim, é uma discussão que não envolve somente os professores de educação física, mas toda a comunidade escolar.

Desta forma, diz Tureck (2009), a iniciação esportiva na escola possui uma função pedagógica, atuando sobre o aluno e tendo como preocupação central, a formação do cidadão. Assim sendo, suas possibilidades de transformações não se deve reduzir só ao corpo, mas estender-se à formação integral do aluno a partir do processo de preparação das equipes.

4.2 - Os Princípios Educativos do Esporte Escolar.

Todas as possibilidades de convivências na escola, quando bem direcionadas e amparadas por estudos e orientação, são meios de aprendizagens. Estar na escola já requer uma gama de vivências. Desde o momento que o aluno se prepara para ir à escola, faz escolhas, aceita condições, se manifesta, usa de algum tipo de transporte, convive com funcionários da escola – da pessoa que os recebe no portão, até ao diretor – frequenta a sala de aula, participa de atividades programadas pela escola. Tudo isso é um jogo. Como esse aluno ‘joga’ esse jogo, é que determina sua aprendizagem. Sobrinho (2007, apud TAFFAREL e STRAMANN, org., p. 233) quando fala do jogo, nós diz que ele

é uma vivencia fundamental para os seres humanos. Estudos revelam que esta prática acompanha a humanidade desde os seus primórdios e está relacionada com as possibilidades de humanização [...] O jogo na escola tem sido estudado em suas diversas manifestações: enquanto recursos metodológicos, enquanto conteúdo de ensino, enquanto método de pesquisa. Ele é capaz de propiciar aprendizagens importantes, como o sentido significativo das regras, como a lógica, como as diferenciações, as nuances e os contrastes necessários entendermos e explicarmos o mundo”.

Organizado e disposto e regras, o jogo então, recebe um direcionamento que o transforma em esporte. Esse, com diferentes abordagens, com as diversas maneiras de se organizar, e com objetivos diferentes, pode ser uma ferramenta de aprendizagem muito importante.

Sabemos que como tal, o esporte recebe críticas de muitos autores, Kunz (1994), Bracht (1986), Paes (2001), Oliveira (1999), Vargas (1995) “são alguns autores, são apenas alguns dos estudiosos que já demonstraram o que é o esporte e o que ele pode vir a ser, para desumanizar e contraditoriamente humanizar o ser humano” (SOBRINHO, 2007, apud TAFFAREL E STRAMANN, org. p. 232).

Bracht (2000), como dizem Moreno e Machado (2006), tenta desfazer o equívoco que quem critica o esporte é contra ele. Criticar alguma coisa não é ser contrário a ela, busca-se colaborar para que este esporte (no caso) assuma outras características mais adequadas, tratando-o pedagogicamente.

Ele ainda desfaz outro equívoco quando se pensa que tratar criticamente o esporte é abandonar o movimento em favor da reflexão. Não se trata de substituir o movimento pela reflexão, mas de fazer esta acompanhar aquele. Para isso, não é preciso ir à sala de aula. Mas é preciso também, não reduzir a mudança apenas ao ato de acrescentar a reflexão à prática, e sim entender que a própria prática, a própria forma do movimentar-se esportivo precisa ser reconstruída (MORENO e MACHADO, 2006).

Portanto, ensinar qualquer modalidade esportiva na escola com objetivos que possam transformar esse aluno em cidadão do futuro, alguém que terá espaço na sociedade, que seja capaz de conviver com o outro e que não seja apenas parte do processo mas seu agente, é condição para que o aprendizado tenha seu valor escolar.

A competição está presente em todos os setores da sociedade. O esporte é apenas um destes setores. Assim,

omitir a competição numa sociedade que a mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará à aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar ou acentuar desajustamentos, marginalização e conflitos diante da realidade social em que vivem, de fato” (MORENO E MACHADO, 2006, v.6, n.8).

O caminho que queremos para o esporte escolar é sem dúvida, pensado como componente curricular no sentido que faça parte das atividades da escola. Que seja trabalhado nas aulas de educação física com todo o seu potencial de formação e aprendizagem. Para Barroso e Suraya (2006, p. 109)

temos o objetivo de refletir sobre o esporte nas aulas de Educação Física escolar, analisando historicamente a forma de sua utilização no ambiente formal de ensino, procurando sinalizar para uma educação que faça uso desse conteúdo como um forte instrumento para formação dos alunos.

4.3 - A Integração do Conhecimento Curricular: Entrecruzando os Conteúdos Educativos.

Mesmo diante da discussão que envolve o esporte, como críticas sobre a forma que é trabalhado na escola, se é discriminatório, se há dúvidas do valor formativo, se é ferramenta pedagógica para formar cidadãos, o esporte está na escola e suas qualidades educacionais não podem ser esquecidas. “Com seus códigos, gestos, tempos, espaços, vestimentas e outras alegorias “modernas”, o fenômeno esportivo foi gradativamente assumindo um lugar de relevo no projeto de educação do corpo, tanto para a escola, como fora dela” (LINHARES, p. 120, 2009).

O conhecimento e a formação desvinculados do conhecimento sistematizado da escola, presentes, por exemplo, nos Jogos Escolares, não acontecem de uma forma simplificada. O desafio de integrar os esportes escolares, e nesta pesquisa mais precisamente os Jogos Escolares, ao currículo não é simples. Sabemos que na escola o conhecimento se liga ao modelo científico, sistematizado, pré-determinado, através do qual fica decidido, de antemão, quais conteúdos serão disponibilizado ao aluno. Incorporar novidades implica para a escola uma ter um currículo inovador frente aos saberes. Implica que esses saberes sejam na sua produção e/ou aplicação também inovadores.

Toda escola tem seu projeto educativo que envolve as disciplinas e as áreas não disciplinares. Com algumas exceções, o currículo das escolas organiza-se de acordo com áreas disciplinares distintas. Dentro do currículo formal desenha-se o projeto curricular de cada turma ou disciplina. Para todos e com fins específicos, surge o currículo informal, oculto, mas não menos importante que o formal que,

juntos formam o conjunto de experiências de aprendizagem que a escola proporciona ao aluno.

Neste estudo compreendemos os Jogos Escolares como uma atividade do esporte escolar com grandes possibilidades interdisciplinar. Não só a Educação Física, mas todas as disciplinas podem aproveitar essa ação curricular para desenvolver conhecimentos formativos no projeto de educação da escola. Participar de jogos escolares requer aprendizagens complementares em outros espaços sociais. Os novos espaços sociais, ou seja, os lugares, onde o aluno desportista vai competir por si só são uma fonte enorme de conhecimentos, de novas aprendizagens. Imaginem quando aproveitadas para se buscar conhecer um pouco mais de nossa história, da geografia local, de novas culturas, tudo sem esquecer ou prejudicar o motivo principal da aprendizagem: jogar.

As aprendizagens desenvolvidas em outros espaços pelo fato de realizar campeonatos em diversos lugares podem ser aproveitadas de várias formas. Antes de cada viagem poder-se-ia fazer pesquisas, estudos sobre a região onde os jogos acontecerão. Mesmos os alunos que não viajam para os jogos poderiam participar de debates e discussões sobre diversos temas ligados à prática esportiva – competição – e jogos escolares. Na volta dos alunos dos Jogos Escolares, conhecimentos adquiridos poderiam ser compartilhados e rediscutidos com os colegas. Com a participação nos jogos escolares – desde o treinamento, faz com que os atletas tenham idéias sobre si próprios e sobre o seu mundo – as suas percepções, crenças, valores, etc. são construídos com base nas suas experiências. Também, dentro desta visão, os jogos poderão ter, também, caráter não-competitivo, por exemplo, através de atividades festivas, culturais e outros tipos de atividades de socialização.

Este texto de Barroso e Suraya (2006) é perfeito para corroborar as afirmações acima: “Não é necessário que a prática dos jogos atinja a totalidade dos indivíduos de uma sala de aula para que seja considerada uma excelente ferramenta de aprendizagem para todo o grupo.”

Valores também difundidos de que o esporte tira as crianças das ruas e conseqüentemente as livra de más companhias e drogas, são levados em conta. Apesar que, na realidade, quem cumpre este papel não é o esporte em si, mas o professor, ético e responsável, no exercício de sua função, pois pode contribuir para formar o caráter dos jovens e, portanto, deixar marcas de grande importância nos alunos

em formação. Ele é responsável por muitos descobrimentos e experiências que podem ser boas ou não.

CAPITULO IV

PRESENÇA DAS ESCOLAS NOS EVENTOS ESCOLARES

1 – Organizando e Analisando o Significado Educativo dos Jogos Escolares no Contexto da Escola

1.1 - Organização dos Dados

Dentre todas as possibilidades para organizar os dados obtidos, optei por tabelas onde fosse possível dispor os textos resultantes dos questionários e das entrevistas.

Os dados dos questionários foram organizados em uma planilha que, ao lado de cada pergunta aparecem as respostas dadas pelos sujeitos. Esta disposição possibilitou uma visão geral e de fácil comparação e análise das respostas. (ANEXO 5) Nos levantamentos de dados feitos por questionários temos informações sobre o que pensam alunos, professores, coordenadores e diretores a respeito da participação dos alunos nos jogos escolares. Num dado momento, entrecruzando estes dados com os conseguidos através das entrevistas, poderemos obter informações que antes passaram despercebidas e que, então, passaram complementar as análises.

Neste estudo as entrevistas foram feitas levando em consideração as respostas dadas nos questionários. Por consistir em um diálogo planejado com o fim de obter informações de quem executa as atividades, por meio de uma comunicação verbal e direta e com o objetivo de se coletar subsídios para uma posterior análise, podendo de certa forma esclarecer dúvidas identificadas no questionário, tem importância fundamental na pesquisa. Após a interpretação dos dados conseguidos com os questionários e uma análise preliminar dos mesmos, elaborei um roteiro com objetivo de buscar, através das entrevistas, informações mais profundas e completas sobre os temas abordados.

Em levantamento de dados para essa pesquisa feita junto a Secretaria de Estado de Esporte e Lazer de Mato Grosso (SEEL), na qual tive acesso ao relatório

final dos Jogos Escolares Mato-grossenses, edição 2009, constatei que, principalmente nas regiões onde se encontram as maiores cidades, a maioria das escolas classificadas em 1º e 2º lugares, são particulares.

1.2 – A presença das escolas particulares nos eventos escolares

Para saber um pouco mais sobre a presença das escolas particulares nos Jogos Escolares Mato-grossenses, fiz um levantamento junto à SEEL/MT. Através da leitura dos relatórios produzidos pelo departamento técnico da SEEL sobre todos os jogos que envolvem escolas, pude perceber a presença marcante das escolas particulares nas primeiras colocações. Nas principais regiões esportivas do estado, onde se encontram as maiores e principais cidades – Cuiabá, Várzea Grande e Sinop – o domínio é quase total. Com os excelentes resultados conseguidos por estas escolas, os Jogos Escolares transformaram-se marketing para elas.

Infelizmente, e têm acontecido muito, algumas escolas (equipe diretiva, proprietários e professores) esqueceram, ou dão pouca importância, para as possibilidades pedagógicas de desenvolverem, ou terem como umas atividades extracurriculares como dizem, o esporte escolar. O que vale é ir à caça de talentos, terem as melhores equipes esportivas e principalmente, divulgar os resultados obtidos. Ostentar em outdoors, banners, e outros meios de comunicação que a escola foi campeã em determinada competição, para eles, é o mesmo que dizer – tragam seu filho para esta escola, se ela é a melhor no esporte, também ela tem o melhor método de ensino-aprendizagem. Usam dos resultados obtidos para mostrar que também são boas no esporte. Não é isso que, nós professores de educação Física, comprometidos com formação integral do aluno, queremos com e para o esporte escolar.

Outro fenômeno que pude perceber, é que bons atletas que sejam também bons alunos, nessa ordem mesmo, que estudam em escolas públicas, são convidados para estudar e compor as equipes das escolas particulares. Participar dos Jogos Escolares requer certo investimento financeiro. Com exceção dos Jogos Escolares Brasileiros, onde a escola participante tem as despesas de transporte, alimentação e hospedagem pagas pelo Ministério do Esporte, Comitê Olímpico

Brasileiro e pelas Secretarias Estaduais de Esporte, o custeio das despesas (exceto a alimentação) da participação nas etapas municipais, regionais e estadual, ocorrem por conta das escolas ou com ajuda das prefeituras.

A maioria das escolas públicas não tem condições para manter uma equipe em treinamento. Falta material esportivo, espaço para treinamento e os professores não dispõem de horários específicos para treinar, e muito menos são remunerados para tanto. Não adianta constar no PPP das escolas. Apesar de a SEDUC apoiar e organizar (junto com a SEEL) os Jogos Escolares, não permite, por exemplo, que a escola disponibilize horários para os professores de Educação Física treinar – mesmo que sejam no período oposto – as equipes para participar do evento que ela própria promove e organiza.

Nas poucas escolas públicas que conseguem se destacar, o treinamento é feito durante a aula de Educação Física – atitude que causa grande polêmica e que não nos cabe aqui discuti-la – ou no período oposto ou após as aulas, mas, vale destacar mais uma vez, sem remuneração para os professores.

Manter os treinamentos, uniformes, bolas e outras despesas diretas das equipes, normalmente fica a cargo das escolas. As escolas públicas, que não contam com a ajuda das prefeituras, dificilmente têm estas condições. O material que recebem, além de ser de baixa qualidade, mal dá para as aulas de Educação Física. Assim, alunos que são bons estudantes e bons atletas, procuram ou são convidados (na maioria das vezes) para estudar em escolas particulares.

Em algumas cidades o treinamento destas equipes é feito por professores e técnicos de Educação Física contratados pelas prefeituras. Os órgãos destas cidades responsáveis pelo esporte mantêm escolinhas de iniciação esportiva em várias modalidades e também equipes que são chamadas de seleções municipais. Na data dos Jogos Escolares, estas seleções se desfazem e cada aluno passa a representar sua escola, acompanha pelo professor de Educação Física da escola, aquele que não pode treinar suas equipes, mas que por força do regulamento, devem acompanhá-las.

Cabe aqui esclarecer que o regulamento dos Jogos Escolares Matogrossenses, coloca como uma das condições para que uma equipe de qualquer modalidade participe do mesmo, que seja acompanhada pelo professor de Educação Física da escola, aquele mesmo que a SEDUC não dá condições para que ele organize e treine uma equipe.

Diante deste quadro, apesar do grande número de participação de escolas públicas, as escolas particulares, na maioria das vezes, por terem mais e melhores condições e apoio, acabam se sobressaindo, conquistando as primeiras colocações nos Jogos Escolares.

Há escolas que se preocupam somente com marketing, chegando ter equipes inteiras compostas de alunos oriundos de outras escolas, sem se preocupar com a com o histórico escolar desses alunos. O que importa é que sejam bons tecnicamente e consigam bons resultados.

São raras as equipes de escolas públicas no topo das classificações. Segundo professores da equipe técnica da SEEL, na categoria B (disputada entre alunos de 12 a 14 anos) dos Jogos Escolares Mato-grossenses, ainda há um certo equilíbrio entre as escolas particulares e públicas. A partir daí, atletas que se destacam são normalmente convidados pelas escolas particulares, com a promessa de bolsa e um ensino de 'melhor' qualidade.

1.3 - Finalidades do Esporte Escolar nas Escolas

Ficou claro nesses dados levantados junto à SEEL, que temos uma crescente implementação de práticas esportivas²⁰, ainda consideradas, extracurriculares nas escolas particulares, porém

Não se sabe exatamente com quais objetivos e fundamentos são realizadas. Não parece claro à direção, coordenação e docentes que ditas práticas constituem um complemento educacional a ser devidamente explorado e otimizado (DAMIANI e ESCOBAR 2006, p. 72).

Essa afirmação feita por Damiani e Escobar, constatei na escola A da pesquisa, principalmente nas entrevistas feitas com o coordenador e diretora da mesma. Verifiquei que o incentivo dado ao esporte, à formação de equipes em diversas modalidades e à participação, não só nos jogos escolares, mas em outros eventos esportivos e culturais, tinha como um dos principais objetivos o marketing

²⁰ Convém destacar que as ditas atividades esportivas extracurriculares, mais conhecidas como escolinhas de iniciação esportiva, com exceção dos alunos bolsistas que compõe as equipes principais das escolas particulares, são pagas pelos alunos iniciantes.

para a escola. É claro que também aparecem citações identificando outros objetivos, esses sim, identificando o esporte escolar como um complemento educacional.

Para tanto, e aqui quero chamar a atenção para esta condição, a maioria dos alunos desta escola, que integram as equipes das diversas modalidades esportivas, é bolsista. São alunos oriundos, em grande número, de escolas públicas. São alunos garimpados nos eventos esportivos do município ou nas escolinhas mantidas pela prefeitura.

Na escola B, apesar não aparecer nas respostas dos questionários e entrevistas a palavra marketing, e se perceber que valorizam mais os objetivos educacionais do esporte, as equipes também são compostas por alunos bolsistas, mas em menor número. Outra diferença é que metade dos alunos entrevistados desta escola B fez o ensino fundamental na mesma. A outra metade cursou o ensino fundamental parte em pública e parte na escola particular. Já na escola A, somente um aluno cursou nela o ensino fundamental. Os demais, metade cursou o ensino fundamental em escolas públicas e outra metade parte em pública e parte em particular.

2 - Informações sobre os Alunos e a Família

Buscar informações sociais sobre a família e sobre o aluno, sujeito deste estudo, foi significativo para que pudéssemos levantar considerações muito importantes. Independente da condição social das famílias, da escolaridade dos pais, percebe-se uma preocupação em oferecer uma escola da melhor qualidade para eles. Se levarmos em consideração que é na escola que aprendemos as primeiras lições de cidadania e descobrimos o quanto é importante respeitar as diferenças; que nela temos nossa segunda família, onde os amigos são como irmãos e os professores assumem, muitas vezes, o papel de pais, compreendemos a preocupação dos pais em escolher, na medida do possível, uma boa escola para seus filhos.

Como os alunos, sujeitos deste estudo, invariavelmente possuem qualidades diversas que os qualificam para praticar uma determinada modalidade esportiva, percebemos através das respostas dadas aos questionários e às entrevistas que, se a família não tem condições financeiras para matricular seu filho em uma escola

particular, e crê que esta escola é a ideal para seu filho, procuram utilizar da bolsa de estudos oferecida por estas escolas.

Percebe-se claramente que a maioria das famílias ainda considera a escola particular melhor que a escola pública. Para algumas famílias é uma questão social, de status, para outras é a oportunidade de oferecer a seus filhos uma escola que acreditam ser melhor que a escola pública.

2.1 - Situação Sócio-Cultural dos Alunos e Famílias

Um dado muito importante que se evidenciou, quando se verificou o *nível de instrução dos pais* (pai e mãe), foi que as mães possuem uma escolaridade maior que os pais (homens) e também que a maioria delas (cinco) possui curso superior completo. Somente um pai possui curso superior completo. Todos os pais (pai e mãe), são alfabetizados, sendo que somente quatro, dois pais (homens) e duas mães, possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Três pais (homens) e três mães possuem o curso superior incompleto. Três mães e sete pais (homens) possuem o ensino médio completo. (Tabela 2).

<i>Tabela 2</i>			
Nível de escolarização dos pais			
ESCOLARIDADE	MÃE	PAI	TOTAL
Ensino fundamental incompleto	2	2	4
Ensino fundamental completo	0	0	0
Ensino médio incompleto	1	0	1
Ensino médio completo	3	7	10
Ensino superior incompleto	3	3	6
Ensino superior completo	5	1	6
Não sabe	0	1	1

Fonte própria

A ótima escolaridade, em média, dos pais refletiu-se em algumas respostas, de como estão envolvidos na vida esportiva e escolar dos filhos, na possível influência e orientação na carreira profissional e na orientação ou determinação para a possibilidade dos filhos treinarem e participarem de competições esportivas.

Pelas respostas dadas pelos alunos ao questionário e à entrevista percebe-se que o grau de conscientização dos pais, em relação à importância e benefícios da prática esportiva e, conseqüentemente, a participação dos filhos nos jogos escolares é muito grande. Também, como já vimos anteriormente, o bom nível escolar dos pais destes alunos, influencia na escolha da escola.

Com relação à *renda familiar*, nenhuns dos 13 alunos ajudam em casa financeiramente. Todos têm seu tempo dividido entre estudar e treinar/jogar.

Apenas uma família vive com a renda salarial acima de oito salários mínimos. De um a três salários mínimos, seis famílias. As demais – sete, entre quatro e sete salários mínimos (Tabela 3).

<i>Tabela 3</i>	
Renda Familiar	
<i>EM SALÁRIOS MÍNIMOS – R\$510,00</i>	<i>QUANTIDADE</i>
menos de um salário mínimo	0
de um a três salários mínimos	6
de quatro a sete salários mínimos	7
de oito a 12 salários mínimos	1
mais de treze salários mínimos	0
não soube informar	0

Fonte própria

Mesmo os pais das famílias que vivem com uma renda de um a três salários mínimos, não deixam de apoiar os filhos na prática esportiva, apoio que considero reflexo da boa escolaridade dos pais. Vejam o que diz a aluna A11, cujos pais têm apenas o ensino fundamental incompleto:

A11 - “*Sim, eles me incentivam muito, fazem de tudo para que eu vá para as competições e os treinos, eles me dizem que na idade que estou devo agarrar todas as oportunidades que aparecem e que o esporte vai me ajudar no meu futuro, como trabalho em equipe.*”

Portanto a renda familiar dos atletas, não é motivo para não se envolvam com o treinamento e as competições. Todos os alunos, de uma forma ou de outra, são incentivados pelos pais a se envolverem com o esporte. Esta consciência que os pais demonstram ter sobre a importância da prática esportiva, mais uma vez, considero existir em função da boa escolaridade dos mesmos. Ficou evidenciado que a busca por melhores escolas, nem que para isso se faça necessário certo ajuste nas despesas e na rotina da família vale à pena.

Outro fato que se evidenciou, também através das respostas dadas pelos alunos, foi que os pais vêm na participação dos filhos nos treinamentos e jogos escolares, a oportunidade de estudar numa escola particular, considerada socialmente, na maioria das vezes, de melhor qualidade que as escolas públicas (Tabela 4).

<i>Tabela 4</i>		
<i>Dados Da Vida Escolar</i>		
<i>ONDE ESTUDOU</i>	<i>ENSINO FUNDAMENTAL</i>	<i>ENSINO MÉDIO</i>
Escola particular	4	13
Escola pública municipal	2	0
Escola pública estadual	2	0
Escola pública federal	0	0
Escola parte em pública (municipal, estadual ou federal) e parte em particular	5	0
Outra escola	0	0

Fonte própria

Do grupo de alunos que responderam o questionário, sujeitos da pesquisa, somente quatro, exatamente os filhos de pais com maior poder econômico, estudaram ou estudam em escola particular desde o ensino fundamental. A maioria – seis – estudou as séries do ensino fundamental, parte em escolas públicas e parte em escolas particulares. Quatro em escolas públicas.

Quando os alunos, como vamos ver mais adiante, falam da grande oportunidade que tem de conhecer novos lugares, culturas e pessoas, através das viagens que são feitas para participar dos jogos escolares, percebi que os alunos oriundos de famílias com maior poder econômico, podendo viajar durante as férias e em outros momentos, enfatizam menos esta oportunidade. Quando questionados se viajam com a família durante as férias, seis responderam que não viajam, cinco viajam para os mesmos lugares e os demais para lugares diferentes. Durante as entrevistas os que não viajam, revelaram que não o fazem porque os pais não têm condições financeiras. Mais uma vez, cruzando os dados, esta afirmação vem de encontro com as famílias com menores salários.

A fala da aluna A13 obtida em entrevista demonstra que quando se fala em viagens dos atletas feitas com a família e/ou sozinhos, mais frequentes nas famílias de renda e formação acadêmica maior, o fato dos jogos poderem proporcionar essa oportunidade de viajar não é tão importante:

A13 - “Bom, a gente viaja pra vários lugares, já fui a muitos lugares com minha família e também sozinha. Eles me incentivam mais pra jogar, pra eu não ficar em casa sem fazer nada.”

Portanto, a valorização da participação do aluno em viagens proporcionadas pela participação nos jogos escolares, é maior nas famílias de baixa renda.

Também posso afirmar que as condições e as realidades sociais, culturais e econômicas referentes às famílias e aos alunos, sujeitos deste estudo são na média boas. Estas condições contribuem para a valorização dos pais, na participação dos filhos no esporte escolar. Quem mais incentiva, acompanha e vê como oportunidade de crescimento pessoal, como oportunidade de estudo de qualidade, a participação nos treinamentos e jogos, são as famílias cujo conjunto dessas condições são consideradas mais baixas, ou seja, os pais com menor poder aquisitivo e nível acadêmico são os que dão maiores incentivos.

Em termos de atividades culturais os alunos entrevistados são bastante parecidos. Por morarem numa cidade sem muitas opções de lazer, na condição de jovens, freqüentam praticamente os mesmos lugares. Todos citaram que gostam de assistir a eventos esportivos. Ler, cinema e televisão são as outras opções mais citadas. Percebi nas entrevistas que os alunos, oriundos das famílias com menor poder aquisitivo se esforçam ao máximo, e para isso contam com a ajuda dos pais, para acompanhar os colegas mais abastados em eventos sociais considerados de maior *status* social. Da mesma forma, os alunos, oriundos das famílias com maior poder aquisitivo, participam com os demais colegas em eventos mais populares.

As amizades são basicamente construídas durante os treinamentos e os jogos. Como amigos íntimos, todos citaram os colegas de treinamento. Alguns disseram que também tem amigos conquistados na escola, que não são atletas, e na igreja. Destaco aqui, que apesar das diferentes classes sociais²¹ dos alunos, existe uma grande amizade entre eles. Não importa a condição cultural e financeira da família, sabem como atletas, que antes de tudo precisam ser amigos. Afinal, praticam esportes coletivos, e um depende do outro, o que fortalece esta amizade, como vemos na fala da aluna A6:

A6 - “Minhas melhores amigas são do vôlei, são minhas confidentes e praticamente fazemos tudo juntas. Bem... às vezes a gente briga durante o treino ou jogo, mas é mais pra melhorar, aí a gente resolve tudo e as coisa dão certo. Gosto de todas e sou amiga delas dentro e fora da quadra. Quando a gente viaja é legal ir aos locais bonitos e passear juntas. Lá também se uma precisa de algo a gente se reúne e consegue resolver o problema, entende? É muito bom viajar em turma grande... sai cada uma!”

A oportunidade oferecida pela escola, treinar e viajar/jogar, se transforma também numa grande oportunidade de lazer.

Ainda falando de amizade, o convívio com os colegas na escola e com os professores foram respostas unânimes à pergunta sobre o que os atrai mais na

²¹ Fazem parte deste estudo alunos cujos pais são grandes empresários, enquanto outros trabalham no lar ou em serviços considerados mais simples.

escola. Assim comentou o aluno A11 sobre a resposta dada à pergunta o que mais o atrai na escola:

A11 - *“Convívio com os colegas [...] Porque a escola é o lugar que você pode conviver com mais tempo com os colegas, aprende a conviver com as diferenças psicológicas, sociais.”*

2.1.1 - Vida Escolar dos Alunos

Neste ponto, percebe-se um forte vínculo entre o grupo de atletas. Neste momento da vida escolar e como jovens, focam em praticamente dois objetivos: primeiro o estudo e depois treinamento/jogos. Estudar, e tirar boas notas, são condições que a escola e os pais não abrem mão para que os filhos participem dos treinamentos e jogos escolares.

Aqui convêm esclarecer essa relação atleta/escola. Na escola A apenas um dos atletas pesquisados não é bolsista, os demais recebem uma bolsa chamada de comercial, conforme esclarece a diretora D2:

D2 - *“No início do ano quando gente faz a chamada, convida este atleta, a gente chama os pais para uma reunião de esclarecimento. Apesar da gente ter um contrato com esses atletas que a família leva pra casa faz a leitura e toma ciência de toda a responsabilidade deste aluno dentro da escola, a obrigação dele e o que ele tem de bonificação na escola, mesmo assim a gente marca uma reunião com os atletas e pais. Neste momento a gente coloca a importância que a escola vê no esporte, porque a gente tem esse investimento no esporte e coloca também a importância deste aluno se dedicar aos estudos [...] se não perderiam a bolsa de esporte o professor tiraria eles do time se não conseguissem avançar nos estudos.”*

Portanto, na escola A, escola e pais/aluno, assinam um contrato. O estudo em troca do treinamento e participação nos jogos representando a escola. Quando o

aluno deixa de treinar e participar em jogos escolares, perde a bolsa. Se quiser continuar na escola deverá pagar as mensalidades.

Na escola B, quatro são bolsistas, para os demais os pais pagam integralmente ou pagam parte das mensalidades. Por ser uma escola filantrópica, a bolsa ou ajuda nas mensalidades são determinadas por uma comissão especialmente estabelecida para tanto. A Receita Federal que regulamenta e que determina quem pode oferecer as bolsas filantrópicas e quem pode ou não receber a bolsa de estudos (Tabela 5).

Não há contrato, portanto, com a escola. Como esclarece o coordenador pedagógico C2, mesmo que o aluno deixe de treinar e participar dos jogos escolares, se quiser, pode permanecer na escola estudando como bolsista. Isto é, a bolsa não está atrelada à participação em jogos escolares.

Esta forma de parceria está bem clara no que diz este coordenador:

C2 - “Às vezes o aluno chega a um grau de maturidade que, nós temos alguns casos específicos, que o aluno fala – mas professor eu não consigo treinar, o treino esta me desgastando tanto que eu não consigo acompanhar os estudos. Primeiro passo, regra numero 1, primeiro bom estudante e depois atleta. Essa é a premissa que nos guia. Nestes casos a gente conversa com o aluno, verdade você não ta conseguindo – mas professor eu queria continuar estudando, queria estudar num bom colégio. Aí a gente analisa a situação e permite que continue. [...] temos casos de alunos aqui que mesmo deixando de treinar, por circunstâncias adversas continuam estudando, com bolsa.”

<i>Tabela 5</i>		
Quem paga mensalidade dos alunos que estudam em escola particular		
CONDIÇÃO	QUEM ARCA COM A MENSALIDADE	QUANTIDADE
Bolsista integral comercial	Escola	05
Bolsista integral pela filantropia	Abatido do imposto de renda da escola	04
Bolsista parcial	Pais (mãe e pai)/ Abatido do imposto de renda da escola	01
	Pai	--
	Mãe	--
	Outros	--
Pagante da mensalidade total	Pais (mãe e pai)	01
	Pai	--
	Mãe	02
	Outro	--

Fonte própria

De qualquer forma, o fato dos alunos serem bolsistas ou não, de estudarem em uma escola cooperada ou filantrópica, em nada diminui a importância dos treinamentos e dos jogos escolares na vida destes alunos. Veja o que diz o aluno A5:

“É muito bom, você tem experiências totalmente diferentes, você aprende a ganhar e a perder, você conhece amigos e depois de um tempo você não ver ele mais, a importância é que você aprende em cada uma e é certo que cada emoção você vai lembrar pra sempre.”

A diretora D1, ao se referir aos alunos atletas, quando fala da importância dos jogos na vida deste aluno, o faz num tom muito carinhoso.

“Meu filho, esses alunos são especiais. Temos muito carinho por eles. Imagine, eu era atleta de voleibol. E muito boa...(rss) acho que tenho até vaga no time do colégio. (rss). A principal importância esta na valorização dos jovens. Dar oportunidades, além dos estudos acadêmicos, de se envolverem nos treinamentos, atividades recreativas e de lazer, com certeza proporcionará uma qualidade de vida que é, também, fundamental para um bom aproveitamento escolar. A escola deixa de ser chata, torna-se atrativa. O que quero para eles, por isso também cobro muito deles, é que sejam bons alunos em todos os sentidos.”

Ao responderem sobre as disciplinas preferidas, poder-se-ia pensar que esses alunos gostassem em medida desproporcional da disciplina de Educação Física. Não é desta forma que aparece nas respostas quando questionados sobre quais disciplinas mais gostam. Apenas um dos sujeitos alunos relacionou a Educação Física em primeiro lugar. Tem os que preferem matemática, inglês, português, história, filosofia... Portanto, são alunos que juntamente com os demais colegas não atletas, se dividem nas preferências das disciplinas e com certeza, nas profissões que irão escolher.

Outro fato que chamou a atenção foi a *organização e a forma com que se dedicam aos estudos e treinamentos*. Em média se dedicam aos estudos em casa pelo menos duas horas diárias. Frequentam os treinos pelo menos três vezes por semana, que chegam a serem diários quando os jogos estão próximos de acontecerem. São pelo menos seis horas semanais de treinamento. Os alunos A6 e A2 nos dão uma noção de como se organizam:

A6 - “Organizando os horários. Os treinamentos são a partir das 4 horas da tarde, eu até durmo, faço tarefas e estudo para a rodada de provas. Quando tem aula ou prova à tarde, os treinos são após esses horários.”

A2 - *“Determino os horários de estudo em casa, nos horários que não treino. As atividades de treinamento não batem com as atividades escolares.”*

A organização é fundamental para que possam dar contas dos afazeres e como disse a aluna A6, essa organização

“serve para a vida toda. A gente aprende a se organizar e fazer as coisas no momento certo, separado, para isso, é como... bom, isso vira costume e é bom. No futuro sei que vai me ajudar a ser organizada.”

Os professores reconhecem que essa organização reflete na sala de aula. Percebem que como são cobrados, só conseguem dar conta dos afazeres se organizando.

P3 *“Até mais que os outros alunos.”*

Ainda na fala dos professores, quando se referem aos alunos que não participam dos esportes escolares, há aqueles que não conseguem bons resultados,

P3 *“Pois se perdem em atividades não escolares pela falta de organização”*

2.1.2 - Participação nos Treinamentos e Jogos Escolares

O Prof. Dr. Pablo Juan Greco (UFMG) em sua palestra no II Congresso Brasileiro de Educação Física do Centro-Oeste – Ano 2009, com o tema *Metodologia de Ensino dos Jogos Esportivos de Invasão: Incidental e Intencional... O Caminho da Criatividade*, quando fala da concepção pedagógica do esporte, nos diz que, para educar através do esporte é preciso ter o esporte como meio para: Aprender a Ser, Aprender a fazer, Aprender a Conhecer e Aprender a Conviver

(Delors, ONU. 1996). Da mesma forma, tê-lo como meio para ensinar: Ensinar (bem!) a todos, Ensinar mais do que esporte e Ensinar a gostar do esporte²².

Nos questionários e nas entrevistas com os alunos, percebi em suas respostas, que a participação em treinamentos e nos jogos escolares, está contribuindo para que eles aprendam se organizar melhor, a conhecer a si próprios e aos outros, a conviver com pessoas diferentes, mas nem por isso melhores ou piores.

Também, culturalmente, estes alunos revelam ter oportunidades que, de certa forma, valorizam a participação nos Jogos Escolares. Vejamos o que dizem os alunos A11 e A6:

A11 - *“Durante os jogos, quando tem museus, bibliotecas sempre freqüentamos.”*

A6 - *“Vou a alguns pontos turísticos, como catedral, praças da cidade, etc.”*

O aluno A1 nos revela a facilidade da busca por novas amizades, de novas experiências:

“Conhecer pessoas novas da cidade que nunca veria, a não ser com os jogos. Também são importantes as experiências de vida que tenho; são histórias diferentes das outras pessoas, histórias incomuns.”

Para o aluno A13, todas as possibilidades de crescimento e formação são para toda vida:

“É importante porque lá aprendo coisas que levo pra vida toda.”

Numa resposta mais elaborada, os alunos A6 e A13, enumeram ganhos e possibilidades de convívio saudável:

²² Informações anotadas por mim durante a palestra.

A6 - *“Os treinamentos e jogos contribuem para ter raciocínio rápido, decisão no que vou fazer, sem falar no aprendizado pessoal como: trabalhar em equipe, respeitar limites dos meus colegas e o próprio também.”*

A13 *“Aprendo a responsabilidade, tomada de decisão, solidariedade, a aprender com o erro, liderança, identificar possibilidades, analisar situações e trabalho em equipe.”*

Mais algumas respostas que demonstram que o esporte escolar ajuda na concentração e na possibilidade de sempre aprender.

A5 - *“Aprendi a ter foco na matéria durante os estudos, estudar mais quando tira uma nota baixa, saber quando erra e aprender com o erro.”*

A7 - *“Aprendi a pensar mais rápido.”*

Na resposta da aluna A4, as diferenças devem ser respeitadas:

“É importante ter respeito. Como passamos 24 horas juntas, mesmo que amigas temos muitas diferenças. Para termos uma boa convivência, é preciso que todas respeitem uma as outras.”

Apesar de que o esporte está dentro do Plano Esportivo Escolar (PEE) das escolas em questão, imagino que tudo o que acontece com esses alunos, não está determinado ou presente no currículo real. Como diz Pacheco (2006 pp. 54) [...] “o currículo oculto é o resultado da experiência escolar que não faz parte dos programas oficiais e das políticas educativas, estando ligado, nas suas múltiplas faces, às teorias de conflitos”.

Também Giroux (1986), citado por Dalben (1992 p. 30) referindo-se ao currículo oculto cita que o

“Currículo oculto é outra faceta do currículo escolar que, na grande maioria das vezes, fica relegada a segundo plano. É o currículo implícito no cotidiano das relações sociais da sala de aula, da escola e da sociedade.

Apresenta-se no trato com a divergência de posicionamentos, nas diferenças de enfoque, na pluralidade, no encontro com o inusitado e nas possibilidades de um devir (Série de mudanças concretas pelas quais passa um ser. A própria mudança)”

Moreira (2000, p. 14) citado por Pacheco (2006 p. 52) que diz o currículo oculto apontar

para o fato que a aprendizagem incidental durante um curso pode contribuir mais para a socialização do estudante que o conteúdo ensinado neste curso, pode resultar em competência melhorada, mudança de atitudes, incremento de habilidades interpessoais, autoconfiança e autoconsciência (Mcferrin, 1999; Ross-Gordon & Dowling, 1995).

Esse currículo oculto ainda se faz presente quando estão prestes a viajar para alguma cidade, seja dentro do estado ou fora, percebe-se que uma curiosidade toma conta dos alunos. Apenas um aluno disse que não se interessa em saber detalhes do local para onde estão indo jogar. Os demais chegam a procurar informações na internet, com colegas que já tenham ido a esta cidade e com os professores. Querem saber as principais características da mesma, se há pontos turísticos, fatos interessantes que vão acontecer durante a semana que lá permanecerão, como são as escolas onde vão ficar alojados, se a cidade é violenta, clima, e principalmente, como são os locais de jogos, naturalmente! O aluno A1 diz:

“Cara, uma vez fomos para Rondonópolis - MT, e não levamos casaco nem edredom, tava um calor danado aqui. Era em maio... é, fim de maio. Meu, um dia esfriou e a noite passamos o maior frio. Agora não importa onde vou jogar, vou prevenido”

Há os que vão mais a fundo nesta busca por informações conforme diz o aluno A5:

“Procuro saber quem são os adversários da casa (cidade sede), como é a cidade, o que sustenta a cidade, como agricultura, seus locais legais, se já teve jogos lá, e como são as escolas que nós ficaremos”

Mesmo com a crítica de Kunz (2004, p. 25) de que o esporte ensinado na escola, “enquanto cópia irrefletida do esporte de rendimento, só pode fomentar

vivências de sucesso para a minoria e o fracasso para a maioria”, não podemos esquecer que para esse grupo, selecionado, a minoria, também há um aprendizado. Há um conhecimento adquirido. Não podemos culpá-los por possuírem diversas habilidades, físicas e intelectuais, que possibilitaram estar nestes grupos selecionados. Para Couto (2004, p. 5),

“a união, a cooperação, o trabalho em equipe são valores éticos, que vêm sendo desenvolvidos com o intuito de gerar a convivência, de criar elos, de formar laços. Possibilitam, também, o convívio com os dissabores, com as derrotas e, acima de tudo, conduzem ao caminho da atuação autônoma, solidária e ética. Aprender a conviver é, além de, viver juntos, competir e cooperar intrinsecamente”.

A convivência praticada no treinamento e durante os jogos contribui para a formação do aluno e a inserção no seu contexto social, como diz o aluno A5, incentiva que se estabeleçam os vínculos que influenciarão na sua formação:

“a importância é que você aprende [...] e é certo que cada emoção você vai lembrar pra sempre”.

Não são poucas as manifestações que demonstram a presença da possibilidade de formação, em todos os sentidos, no ambiente que se cria durante os treinamentos e nos jogos escolares. Para Hoyos (2004), citado por Couto (2004 P. 6) “Cria condições sociais que ofereçam oportunidades, para determinadas práticas de cidadania, tais práticas permitem que o educando aprecie a convivência como valiosa na sua formação.”

3 - Informações sobre os Professores, Coordenadores e Diretores.

3.1 - Situação Sócio-Cultural dos Professores, Coordenadores e Diretores

Quando analisei algumas respostas dos professores, coordenadores e diretores das duas escolas, referentes às suas condições sociais e culturais, percebi algumas contradições às respostas dadas ao tópico Envolvimento com os Alunos

Atletas. Dentre o grupo dos 12 sujeitos (8 professores, 2 coordenadores e 2 diretores) apenas um disse não ter praticado e nem pratica atualmente algum tipo de esporte ou atividade física. As respostas positivas não parecem refletir na possibilidade que se envolvam mais profundamente com o esporte ou com as equipes esportivas da escola e tenha uma maior compreensão das possibilidades de aprendizagem proporcionadas pelo esporte escolar.

Dos 12 sujeitos, só dois não costumam viajar nas férias, e somente um não participou ou ajudou na organização de viagens de estudo, passeios ou excursões. Fica claro que o gosto pelas viagens e a experiência em organizar eventos que envolva viajar se faz presente. Portanto, pareceu-me, nas organizações das respostas que a maioria valorizasse ou aproveitasse de alguma forma, as viagens que os alunos fazem para participar de eventos esportivos, principalmente os Jogos Escolares. Mas não foi isso que depois vim perceber com as respostas de alguns questionários e algumas entrevistas.

Outra resposta dada ao questionário feito aos professores, que chamou muita atenção, foi dada à pergunta sobre o que mais o atrai na escola. Dos 8 professores, 6, dentre todas as opções que apresentavam na resposta, responderam que é o convívio com os alunos. Para um professor este item ficou em segundo lugar. Fica claro aqui que todos gostam do trabalho que fazem e tem seus alunos como amigos. Ponto para as escolas. Na análise de algumas entrevistas, essa aproximação e essa amizade são percebidas mais fortes com os alunos atletas. Fato que não reflete nas possibilidades de se aproveitar a prática esportiva escolar e a presença desses alunos nos jogos como ferramentas para busca de conhecimentos.

3.2 - Envolvimento dos Diretores, Coordenadores e Professores com os Alunos/Atletas

Apesar das respostas dadas ao tópico anterior, nos preocupa a visão que, professores, coordenadores e diretores têm sobre a participação dos alunos nos treinamentos e jogos escolares.

Apenas um dos professores entrevistados não pratica esportes, mesmo assim, a grande maioria diz não se interessar pela participação dos alunos nos jogos

escolares. No máximo toma conhecimento, isso porque, tem alunos seus que se ausentarão e, portanto, farão reposição de matéria e avaliações. Tirando os professores de Educação Física, automaticamente envolvidos nos jogos, apenas um gosta realmente de participar e se envolve com eventos esportivo promovidos pela ou em quais a escola participa. Este é o professor P8:

P8 - “Acho que o esporte é muito mais que lazer e saúde. Esporte é tudo. Não viveria sem o esporte. Participo em alguns eventos e opino em alguns também. Tenho até futebol semanal com alguns alunos.”

Outra característica destes sujeitos, é que somente um não participou ou ajudou a organizar viagens de estudos, passeios e/ou excursões pela escola. Isso mostra que de alguma forma sabem da importância das atividades extracurriculares. Somente três não citaram que gostam de freqüentar ginásios esportivos para assistir jogos esportivos, os demais tem este costume e quatro assinalaram como opção principal de lazer.

Os coordenadores parecem bem antenados em relação à participação dos alunos nos Jogos Escolares. Costumam incentivar os professores a participarem de alguma forma, apesar de nem sempre poderem contar com essa participação. O coordenador C2 explica que

“nem sempre é possível os professores participarem, normalmente são os professores de Educação Física e treinadores que acompanham. Temos que levar em conta também, o gosto pelo esporte.”

Para o coordenador C1, é importante, também, não deixar de freqüentar os treinamentos dos alunos, como forma de se relacionar com o grupo.

“Sim, freqüento, mas não sistematicamente. As interações ocorrem de maneiras diferentes daquelas existentes no ambiente cotidiano de aula. Atitudes são mais espontâneas, expressivas”.

Tanto os coordenadores como os diretores, mantêm um canal direto com os professores e alunos-atletas. São contatos praticamente diários. Com os professores

são trocadas opiniões e informações sobre o rendimento escolar dos alunos. O coordenador C1 informa que

“regularmente, há uma constante troca de informações entre os professores e coordenação de esportes sobre as saídas dos atletas e a coordenação pedagógica. Estes contatos se dão, inclusive, sobre rendimento e aplicação nos estudos dos atletas.”

O coordenador C2 assinala que esses contatos acontecem

“regularmente e quando da saída (dos alunos para os jogos). As reuniões acontecem nas duas situações.”

Para o coordenador C1, é possível transformar a participação dos alunos nos Jogos Escolares em prática pedagógica.

“Partimos do princípio que o bom atleta é e tem que ser um bom aluno. Via de regra, a disciplina no esporte ajuda no método de estudo. Obs.: é comum em nosso colégio, quando em época de provas, os alunos fazê-las na cidade em que está participando dos jogos. O aplicador é o professor responsável.”

Os coordenadores das duas escolas se preocupam com o rendimento escolar destes alunos, tendo um acompanhamento especial com esses alunos e proporcionado condições, se necessário, de recuperação dos conteúdos conforme percebemos nas resposta abaixo.

C1 - *“acompanhando através de planilhas de notas e freqüência”*

C2 - *“reorganização do calendário escolar destes alunos”.*

As diretoras têm praticamente as mesmas formas de contato com os professores e alunos atletas, porém uma visão um pouco diferente sobre os jogos escolares. Para a diretora D2, são importantes as reuniões que são feitas para se

discutir sobre os atletas, são regulares e também acontecem na véspera das saídas dos atletas para os jogos, principalmente para se discutir sobre a

D2 - *“Segurança dos alunos nos eventos.”*

A diretora D1 tem uma forma um pouco diferente quando trata do relacionamento desses alunos com os professores e coordenadores.

“Sim (acontece reuniões regulares), cada aluno é avaliado e se de alguma forma os treinamentos e as participações estejam prejudicando seu andamento na escola (disciplina, aproveitamento) discutimos junto com o aluno soluções.”

Também estas reuniões servem para

D2 - *“alem de verificar se as metas e objetivos estão sendo alcançados nestas participações, analisamos o local, período, forma de repor o conteúdo e tudo que diz respeito ao evento.”*

Quanto à visão que tem sobre os Jogos Escolares, há algumas diferenças, Vejamos o que as diretoras dizem:

D1 - *“É importante para a valorização do jovem. Os treinamentos, as atividades recreativas e de lazer, são fundamentais para um bom aproveitamento escolar”.*

D2 - *“É um momento de socialização, valorização das múltiplas inteligências e habilidades. Marketing.”*

Ambas reconhecem a importância dos jogos escolares na formação dos jovens. Sabem que habilidades são desenvolvidas, conhecimentos adquiridos. Porém, a diretora D1 não fala da manutenção das equipes como marketing. Somente o coordenador C1, em sua entrevista, diz que o marketing acontece, mas como resultado do bom trabalho feito pelos professores de Educação Física, que

tem como conseqüência, ótimos resultados. Tanto a diretora D2 como o coordenador C2, mencionam que um dos objetivos é o marketing para a escola. Na fala do coordenador C2, quando comenta sobre a importância que tem para escola participar dos jogos escolares diz que

“Além do desenvolvimento no processo de socialização, a aprendizagem que eles adquirem por meio das relações sociais, temos a divulgação da escola.”

De qualquer forma, todos são conscientes da importância do esporte escolar e da manutenção das equipes para participar dos Jogos Escolares. E, principalmente, que os alunos que tem a oportunidade de compor as diversas equipes, têm um ganho muito importante na sua formação humana e acadêmica.

Por outro lado, os professores questionados e entrevistados praticamente desconhecem a possibilidade de aproveitar a presença de alunos de outros municípios em sua cidade ou a ida dos seus alunos a outras cidades para, por exemplo, solicitar que pesquisem sobre culturas, história e outros assuntos e compartilhem com os colegas essas informações. Leiamos o que nos disseram os professores ‘P2’ e P7:

P2 - “Durante a viagem não, na volta da viagem eles estão tão sobrecarregados de atividades atrasadas que é preciso tomar muito cuidado, para não prejudicá-los mais ainda.”

P7 - “Não, apenas desejo sucesso, motivação e que represente dignamente nossa escola.”

Durante a entrevista com um dos professores, quando perguntado sobre sua participação na organização de viagens de estudos, para participar de jogos ou de excursões com diversos objetivos, também perguntado se percebe alguma diferença no comportamento dos alunos-atletas, chamou muita a atenção quando diz que os alunos-atletas participam dos jogos mais disciplinados, mais organizados, e acabam criando uma família, a família do esporte.

P 7 - *“Também no treino do dia-a-dia, que é o outro lado da família, por exemplo, é a família deles do esporte, eles tem muita motivação se percebe o ânimo deles [...] eles tem uma afinidade muito grande por estarem bastante tempo juntos, no treino físico, tático, técnico, acabam criando um laço de amizade muito forte [...] se reúnem para sair, para estudar e outros momentos sociais.”*

A convivência social pela prática esportiva amplia os laços de amizade, conseqüentemente, iniciando o processo de socialização. Esta socialização através da prática esportiva, da convivência em um grupo que tem os mesmos objetivos, transforma esses alunos-atletas em pessoas autoconfiantes, com saberes e capacidades, com um bom desenvolvimento social, valorizando a cultura e os bons costumes de quem o pratica, transpondo-os para a sociedade em geral.

Alguns professores mencionaram que percebem diferenças no comportamento, interesse e no relacionamento com os outros (colegas e professores) no aluno que passou a treinar alguma modalidade esportiva e que participa dos Jogos Escolares. São palavras do professor P1:

“Mudam os anseios. Percebo que esse aluno começa a ter sonhos mais altos, se torna mais ambicioso, quer aprender mais. Ele tem uma maior necessidade de ser o melhor, sem contar que ele se coloca em outro patamar por estar fazendo parte de uma seleção.”

Para os professores, os alunos

P7 - se tornam *“mais dinâmicos, críticos, participativos, sendo assim chegam a ser problemáticos para alguns professores, mas temos ótimos alunos/atletas/bolsistas e também alunos/atletas/bolsistas com sérias dificuldades de adaptação, estudos, socialização.*

P3 - *“melhoram a disciplina, aproximam-se mais do professor”*

Mencionam que todos os alunos atletas desenvolvem qualidades, capacidades e atitudes. Entre as mais citadas pelos professores está a

responsabilidade (citada por todos), liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, entre outras.

As entrevistas com os professores deixam claro o grande poder que o esporte tem em exercitar a liderança e a comunicação. Cada equipe tem o seu código, gestos e sinais que são entendidos rapidamente por todos. A comunicação que acontece naturalmente como forma de se impor e comunicar ações ou opiniões, durante um treinamento ou jogo, que servirão para o sucesso da equipe é percebida pelos professores nos alunos-atletas.

Boa parte do sucesso de uma equipe se deve a capacidade de liderança que ela possui. Quem aprende a ser líder, provavelmente levará esta qualidade para toda a vida, principalmente na vida profissional.

Também foi mencionado muito durante as entrevistas, que o trabalho em equipe demonstra como os alunos-atletas entendem a importância da soma de todos os esforços individuais. Sabem que não podem limitar-se à sua função, o auxílio, a ajuda do outro em situações difíceis fortalecem os laços de amizade e facilitam o convívio social. Sabem que todos lutam pelo mesmo objetivo, independente das diferenças, gostos e projetos pessoais, em quadra todos lutam para superar o oponente. O que vale, que fica em destaque, é a equipe. Assim, neste sentido, não há espaço para críticas, mas sim de ação, para a solidariedade.

A força da equipe pode produzir resultados maravilhosos, superando deficiências técnicas ou qualquer outro tipo de erro. Nessas horas, a superação acontece proporcionando resultados positivos inesperados.

Todas estas qualidades existem porque, desde os treinamentos, durante as competições e mesmo no convívio do dia-a-dia, a disciplina se faz presente na vida dos alunos-atletas. Um dos maiores benefícios que o os Jogos Escolares, mais precisamente, o esporte coletivo, pode proporcionar a um aluno-atleta é aprender a enfrentar adversidades e tirar lições delas. Talvez o que mais chama a atenção e, talvez seja o mais importante, é que esses alunos-atletas em um momento de adversidade encontrarão apoio e conforto dentro da equipe, serão pessoas que saberão levantar-se após uma queda, e também muito importante, saberão estender a mão a quem estiver precisando de ajuda.

Quando participa dos Jogos Escolares o aluno tem contato com outros jovens, professores e pessoas de outras cidades, que muitas vezes tem cultura e conhecimentos diferentes. Perguntamos aos professores se já pensaram em

identificar os conhecimentos, informações, vivências que estes alunos adquirem com esta participação e utilizá-los para os estudos e pesquisas dentro do conteúdo da disciplina que ministra. Eis algumas respostas:

P1 - *“Já. Mas talvez pela correria do dia a dia ainda não saiu do papel.”*

P2 - *“Não, não vejo isso acontecer nas disciplinas que trabalho.”*

P7 - *“Sim, serve de exemplo, experiência de vida e sempre coloco a luta que eles possuem, diariamente para: estudar, treinar, jogar e viver dignamente, não pulando as fases de sua vida.”*

P3 - *“Não, mas utilizo informações do esporte que praticam como dados para as minhas aulas.”*

P2 *“Às vezes, trabalho a questão dos valores.”*

Existe uma variedade de jogos e cada um tem sua possibilidade educativa. Os jogos possibilitam a aquisição de habilidades, de aprendizagem, do desejo de buscar novos conhecimentos. É neste desejo que os professores poderiam se basear para aproveitar a participação dos alunos-atletas nos Jogos Escolares, para solicitar pesquisas e outras atividades que podem ser desenvolvidas durante esse evento e, na volta desses alunos, socializar com os colegas de sala e mesmo contribuir para a aprendizagem de todos.

Também questionados se percebem alguma mudança no ambiente da sala de aula em relação aos alunos que treinam e participam dos Jogos Escolares e os que não participam, antes e depois dessa participação, responderam que

P1 - *“os que participam voltam com mais maturidade, com vivências e histórias que aconteceram durante a viagem. Já os que não têm essa oportunidade ficam curiosos, em alguns até desperta o interesse de começar a praticar uma atividade física.”*

P8 - *“Temos dois tipos de atleta: o bom de escola e bom de bola, o ruim de escola e bom de bola. Só sinto um vazio na semana dos jogos, quando os mesmos viajam. (rsrsrs).”*

Outras respostas são mais diretas:

P3 - *“não”*, P6 - *“sim, principalmente os bolsistas”* e P5 - *“muito pouco.”*

Ao contrário do que disseram os diretores e coordenadores, a maioria dos professores não estão antenados com os Jogos Escolares. Ou os que estão, encontram muita dificuldade para se fazer ouvir. Apesar de haver reuniões e discussões sobre a participação dos alunos nos jogos escolares, esses encontros não resultam num esclarecimento maior sobre o que são e como acontecem os Jogos Escolares. Com exceção dos professores de Educação Física e, apesar de perceberem os benefícios dos treinamentos e participação nos Jogos Escolares para esses alunos, não perceberam e nem foram orientados das possibilidades que uma viagem dessas pode trazer em benefícios para todos os alunos da sala.

Ficou claro que a maioria dos professores questionados, não gosta ou é indiferente aos jogos escolares e não os vêem como algo que possa trazer aprendizado ao aluno, não por opção, mas por desconhecem as possibilidades que se apresentam a tão rica experiência vivenciada por seus alunos.

Também percebi que muitos professores não estão preparados para a interdisciplinaridade, principalmente quando a disciplina a ser parceira no processo de aprendizagem é a Educação Física. Vêem-na como uma disciplina somente do físico, da bola, que pouco pode contribuir no ensino de outras disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação do resultado desse trabalho, onde pude reunir, analisar, e interpretar informações a respeito da participação de alunos em Jogos Escolares, desde o treinamento até a competição propriamente dita, tem como pretensão servir de orientação e de um conjunto de possibilidades para todos os profissionais das diversas áreas do saber, principalmente aqueles que estão diretamente envolvidos com alunos no ensino médio, alunos esses, que de alguma forma se dedicam à prática esportiva. A apresentação e a ordenação das idéias sobre a participação de alunos em Jogos Escolares e suas implicações, foi feita de maneira reflexiva, com a intenção de ser o mais completa possível, baseadas principalmente nas vivências dos alunos-atletas e nas informações recebida dos professores e equipe diretiva.

Com este estudo percebi que a maioria dos professores não vê a possibilidade de aproveitar todo o contexto que envolve a formação de um atleta – treinamento, disciplina, organização, viagens, jogos, etc., para o aprendizado, de uma forma ampla, desses alunos. Os coordenadores também estão alheios a essas possibilidades. Pouco se conversa com os professores, e quando o fazem, é para saber das notas e faltas desses alunos. Para as diretoras, a participação dos alunos em Jogos Escolares é valorizada e possibilita a formação integral do aluno, apesar de, para uma delas, referir-se como marketing para a escola.

Diante deste quadro fica claro que está muito confuso o que significa prática esportiva para as escolas e o esporte, como instrumento educacional.

Podemos considerar, a título de esclarecimento, a definição de esporte dada pelo CONFEF – Conselho Federal de Educação Física – através da Resolução Nº 046/2002, que dispôs sobre a intervenção do Profissional de Educação Física, documento que trata também de algumas conceituações da terminologia utilizada atualmente pelos conselhos. Assim, para o CONFEF, Esporte / Desporto é

Atividade competitiva, institucionalizada, realizado conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades desportivas, determinado por regras preestabelecidas que lhe dá forma, significado e identidade, podendo também, ser praticado com liberdade e finalidade lúdica estabelecida por seus praticantes, realizado em ambiente diferenciado, inclusive na natureza (jogos: da natureza, radicais, orientação, aventura e outros). A atividade esportiva aplica-se, ainda, na promoção da saúde e em âmbito educacional de acordo com diagnóstico e/ou

conhecimento especializado, em complementação a interesses voluntários e/ ou organização comunitária de indivíduos e grupos não especializados.

Entender o esporte, como instrumento pedagógico, como componente do PPP da escola, integrado às finalidades gerais da educação, de desenvolvimento das individualidades, de formação para a cidadania, precisa muito mais do que simplesmente oferecer material esportivo, oferecer condição para treinar e participar de jogos. Precisa muito mais do que querer que sirva de marketing. Precisa que seja explorado pela ação dos educadores, que esses desenvolvam atividades que possibilitem verdadeiramente ampliar o campo experimental do aluno, que criem obrigações, que estimulem a personalidade intelectual e física e ofereçam chances reais de integração social e de aprendizagem.

Creio que o mais importante é saber o que fazer com o Esporte Escolar. É reunir condições para que como componente curricular possa servir para atingir, como uma das ferramentas, os objetivos educacionais. Pensando assim, qualquer atividade da escola que contribua para o aprendizado, para a socialização, para formar cidadãos realmente esclarecidos, não pode ser pensada como extracurricular. Deve ser pensada como um componente do currículo, preparada e aplica como tal, dando a sua devida importância.

Presente numa escola particular ou pública não pode ser visto como atividade paralela, ofertada somente aos mais habilidosos. As possibilidades de formação que o Esporte Escolar tem, não o permitem ser dispensável, trabalhado quando der e se der. Deve ser considerado por toda a comunidade escolar. Que pais, professores, equipe pedagógica/diretiva e os próprios alunos entendam e compreendam sua dimensão pedagógica. Que seja também, quando combinado com atividades propostas por outras disciplinas, um mecanismo de inclusão, de desenvolvimento de saberes pessoais, cognitivos e sociais dos alunos, respeitando suas individualidades e particularidades.

Assim, este trabalho apresentou as possibilidades de aprendizagens (extra)-curriculares para alunos que participam de esportes escolares, mais precisamente de Jogos Escolares. A pesquisa também se constituiu em um conjunto de possibilidades para se compreender como o esporte escolar é entendido enquanto política escolar. Também pretende dar condições para todos entenderem a dimensão pedagógica do mesmo.

Um trabalho intenso e frutífero foi feito com os sujeitos que realmente se prontificaram a colaborar com a pesquisa, pois se trata de um assunto interessante e pouco ou nunca pesquisado com esses objetivos.

A análise do material obtido com os alunos pesquisados revelou que estão conscientes de todos os benefícios que a participação no esporte escolar pode trazer. Alguns revelaram que se não fosse pela participação nos Jogos Escolares, não teriam a possibilidade de sair da cidade em que moram para conhecer muitas outras. Não só no estado, mas em todo o Brasil.

Por outro lado, mesmo não utilizando das possibilidades de aprendizagem que os esportes escolares oferecem, todos, professores, coordenadores e diretores, percebem que os alunos-atletas desenvolvem capacidades e atitudes: responsabilidade, liderança, trabalho em equipe, aceitação dos limites do outro, identificação de possibilidades, entre outras.

O que falta é, tirar proveito, no bom sentido, dessa ferramenta estratégica de aprendizagem que é a participação em Jogos Escolares. Não esquecer que, apesar das fortes críticas que o esporte *na* escola sofre, por ser 'seletista' e conseqüentemente, deixar à parte dessas possibilidades de aprendizagem o maior número de alunos, que esses alunos selecionados não podem ser tratados como um grupo de atletas que só pensa em treinar, que só tira notas baixas, que são bagunceiros e indisciplinados. Este estudo revela que para eles o ganho é muito grande, e isso tem que ser valorizado.

A grande dificuldade foi falar exatamente desses alunos que de uma forma ou de outra foram selecionados para comporem as seleções de suas escolas.

Observar o aluno atleta e as relações com mundo que o cerca, oferecer possibilidades para que ele tenha uma compreensão de como o aprendizado é possível, com o treinamento, com as viagens, com o jogo... é tarefa do professor e da equipe diretiva da escola. Mas, para que isso ocorra, é necessário que percebam a gama de possibilidades educativas que o esporte escolar oferece.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BARROSO, André, L. R. e DARIDO, Suraya, C. **Escola, Educação Física e Esporte: possibilidades pedagógicas.** Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.

BETTI, Irene, C. R. **Esporte na Escola: mas é só isso Professor?** Revista Motriz, Volume 1, número 1, 25-31, junho/1999.

BRASIL, Ministério do Esporte. **Coletânea Esporte e lazer: Políticas de Estado, Caderno III: Desenvolvimento Institucional.** Brasília: ME, 2009.

_____, Ministério do Esporte. **Regulamento Geral das Olimpíadas Escolares,** 2005. Disponível em: <http://www.cob.org.br>. Acesso em: 11/08/2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Executiva, **Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio.** Brasília: ME, 2006.

BRACHT, V. **A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 7(2): 62-68, 1986.

_____. **A Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

_____, A. Almeida. **A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do esporte. Campinas, v.23, nº3, p.87-101, Maio 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

CONFED, Conselho Federal de Educação Física – **Resolução Nº 046/2002.** Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=82. Acesso em: 08/01/2011

COUTO, Ana C. P., **A Educação pelo Esporte um caminho para o desenvolvimento humano: o caso do Projeto Guanabara,** EEFFTO / UFMG – Projeto Guanabara, 2004.

DAMIANI, Cássia; ESCOBAR, Micheli , **Construindo a Relação Esporte-Escola – A universalização do esporte no Brasil, como direito social, não pode se efetivar sem a presença da escola.** Revista Desenvolvimento, edição 84, abr/mai pág. 72, 2006.

DARIDO, Suraya C., **Educação Física na Escola. Questões e Reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya C., RANGEL, Irene C. A., **Educação Física na Escola. Implicações para a Prática Pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DALBEN, Angela I. L., **Currículo escolar.** Educação em Revista, n. 15, p. 30-33. jun., 1992.

FINCK, S. C. M.. **Educação Física e Esporte: uma visão na Escola Pública.** Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro.** São Paulo: Scipione, 1991.

GEBARA, Ademir. **História do esporte: novas abordagens.** In: PRONI, Marcelo Weisaupt; LUCENA, Ricardo Ferreira. (Org.). **Esporte: história e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2002. p. 5-29.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação.** Petrópolis: Vozes, 1986.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco Nunes Souto; MACHADO, Dijnane Fernanda Vedovato. **Formação profissional em educação física no Brasil: o velho problema do currículo e o caso da UFSCar.** VI Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Educadores: Formação de Educadores - Desafios e Perspectivas para o Século XXI, 2001. Anais. Águas de Lindóia, 2001

JUNIOR, Luiz Gonçalves *et al* – **Formação Profissional em Educação Física no Brasil: O Velho Problema do Currículo e o Caso da UFSCAR** Disponível em http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/form_lindoia.PDF. Acesso em: 13/01/11

KUNZ, E. **Transformação Didático-pedagógica do Esporte.** Ijuí: Unijuí, 1994.

_____, Org. **Educação Física Crítico-Emancipatória – Com uma Perspectiva da Pedagogia Alemã do Esportes.** Ijuí: Unijuí, 2006.

_____, Org. **Didática da Educação Física 2**. Ijuí: Unijuí, 2004.

LINHARES, Maily, A, **A Escola e o Esporte. Uma História de Práticas culturais**. São Paulo: Ed. Cortez, 2009.

BARBOSA, Lizzi. **O Que é Educação?** Disponível em: lizzibarbosa.blogspot.com/2008/11/o-que-educao.html. Acesso em: 27/11/2010

LETTNIN, Carla C., **Esporte Escolar: razão e significados**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2005.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-Estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros** - Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, UNESP, Marília - Disponível em: <http://www.sepq.org.br/lsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>. Acesso em: 13/12/10.

MARINHO, V., **O Esporte Pode Tudo**. São Paulo: Ed. Cortez, 2010.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Esportes e Lazer. **Regulamento Geral dos Jogos Escolares Mato-grossenses, edição 2009**. Disponível em: <http://www.esportes.mt.gov.br/regulamentos>. Acesso em: 11/08/2010

MCLAREM, Peter, **A Vida nas Escolas. Uma introdução à pedagogia crítica dos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MINADEO, Roberto. **Marketing esportivo - Aspectos Diversos**. Disponível em: <http://twist.com.br/paginas/Conteudo/MKT%20Esportivo/mktesportivo.htm>. Acesso em: 22/10/10.

MORENO, Ricardo M; MACHADO A. A., **Re-significando o esporte na educação física escolar: uma perspectiva crítica**. Revista Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.6, n.8, jan./jun. 2006.

MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI**. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2002

NOGUEIRA, Maria A. CATANI, Afrânio, org. **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

NETO, Álvaro R. M. et al, Artigo: **Educação Física, Políticas de Esporte Escolar e Jogos Estudantis**. (s.d.).

NETO, Vicente Molina, TRIVINOS, Augusto Nivaldo da Silva. **A pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

OLIVEIRA, S. A. **Reinvenção do Esporte**. Campinas: Autores Associados, 1999.

OLIVEIRA, Vitor M. de, **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985

PAES, Roberto R, **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamenta**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

PACHECO, José A., **Escritos Curriculares**. São Paulo: Ed. Cortez, 2006

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem Teórico-prática**. 9. ed. , Campinas: Papirus, 2003.

PALMA, Ângela, P. T. V., et al, (coordenadores) **Educação Física e Organização Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Londrina: EDUEL, 2008.

PICCOLO, Vilma L. N. (org.) **Pedagogia dos Esportes** – Campinas: Papirus, 1999.

PRONI, M. e LUCENA, R., Org. **Esporte, História e Sociedade**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2002.

SHIGUNOV NETO, A; SHIGUNOV, V., Org. **Educação Física: Conhecimento Teórico X Prática Pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SAWITZKI, Rosalvo L, **Esporte escolar: aspectos pedagógicos e de formação humana**. Tese de Doutorado – São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

TAFFAREL, Celi Z.; STRAMANN, Reiner H., org., **Currículo e Educação Física. Formação de Professores e Práticas pedagógicas Escolares**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2007.

TURECK, Karla M., **Estudo da Participação das Equipes de Voleibol da Categoria “B”**: A partir do processo de preparação das equipes escolares para os Jogos Colegiais fase municipal de Campo Mourão - PR - Projeto de Mestrado, 2009.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO**. Disponível em: www.acm.pt/pdf/documentos/CartaIntEduFisicaDesportoUnesco.pdf. Acesso em: 13/08/2010

VARGAS, Ângelo, L.S, **Desporto:** Fenômeno Social, Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

VEIGA, Ilma P. A., Org. *Projeto **Político-Pedagógico da Escola:*** uma construção possível. Campinas: Ed. Papyrus, 1995.